ANNO VIII — No 13 DEZEMBRO 1923

Revista

da Escola Normal de S. Carlos

Propriedade e redacção do corpo docente

SUMMARIO :

DR. CARLOS DA SILVEIRA . . . *Discurso*
Director da Escola Normal do Braz (S. Paulo)

RAPHAEL FALCO . . . . . *O Desenho nas classes infantis*
Professor de Desenho

MELLO AYRES . . . . . *O Sonho*

ATALIBA DE OLIVEIRA . . . . *Desenho e linguagem*

ANTONIO F. PROENÇA . . . . *Lições de Arithmetica*

DR. JOSÉ FERRAZ MOTTA . . . *Discurso de paranympho*
Lente de Psychologia e Pedagogia

Professorandos de 1923

A Graphica — S. Carlos

Expediente

—*Publica-se esta Revista duas vezes por anno.*

—*Só se incluem nella trabalhos inéditos.*

—*A graphia é a dos respectivos collaboradores, unicos responsaveis pelas idéas que emittirem.*

—*Toda a correspondencia deve ser dirigida á Commissão de Redacção da Revista da Escola Normal*—S. Carlos —Estado de São Paulo — BRASIL.

DISCURSO

pronunciado na solennidade de entrega de diplomas ás Professorandas da Escola Normal do Braz, turma de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo pelo paranympho Dr. Carlos da Silveira

---

Não se haviam extinguido de todo os écos das grandiosas festas com que nós, brasileiros, commemoráramos o primeiro centenario da nossa Independencia politica, e já, na Escola Normal do Braz, como nas suas congéneres, cogitavam as professorandas do acto da sua formatura, como soe acontecer entre nós.

Festa de normalistas, dirão em ar de pouco caso, os que não conhecem a funda influencia que as Escolas Normaes teem exercido no transformar, para melhor, a cultura nossa, sendo proveito derivado dellas bastantes coisas que por ahi correm com etiqueta de diversa fabrica.

Festa de normalistas, sim, de normalistas que se diplomam, levando para os seus lares, para o seu gremio social, para a sua Patria, toda uma radiosa mocidade mais ou menos bem orientada na vida, e onde as naturaes deficiencias de preparo devidas a causas multiplas que não o pouco caso, serão supridas, a fartar, por um enthusiasmo sadio, nascido de uma também sadia intuição do que falta a realizar.

MANDATO IMPERATIVO, PROVINDO DE INDENTIDADE DE PENSAMENTO

E não foi sem surprêsa que em dias do mez de Novembro,

a findarem já os trabalhos do anno lectivo, tive sciencia de que as professorandas de 1922, minhas alumnas e minhas dirigidas, haviam-me eleito para seu paranympho.

Accedi ao mandato, tão insólito quanto gentil, e eis-me aqui, segundo a tradição sympathica nas nossas casas de ensino, a dar-vos, Senhoras Professorandas, destas despretenciosas palavras, os meus ultimos conselhos de professor e, de envolta com elles, os meus adeuses e os da Escola que tanto prezais.

Tinha o espirito tão desprevenido quanto a ser vosso paranympho, que até agora não pude entender a causa que vos levou a essa eleição, num meio onde facil vos seria encontrar um mestre que vos viesse dizer, com eloquencia e brilho, do que se ha mister no acto solenne de hoje.

Se o que motivou a minha vinda a este posto foi a vossa intelligencia do que eu pregava, nas minhas aulas, neste bienio de camaradagem proveitosa, então começo a perceber, pela escolha, a identidade do nosso ponto de vista. Quer dizer, e eu me felicito por isso, que as ideas que, dia a dia, deixei cahir no vosso espirito, acharam terra propícia e brotam já em renovos dignos de amparo e desenvolvimento.

Identicos serão, pois os nossos pontos de vista, porisso que, como brasileiros, amantes do nosso Paiz e das nossas coisas, encaramos o problema educativo sob o aspecto brasileiro, buscando com franqueza e solicitude, uma solução para os nossos casos, dentro das nossas tradições, dos nossos costumes, das nossas aspirações e dentro das nossas possibilidades.

Embora nos inspirem os exemplos dos educadores alienigenas, de renome universal—e que figuras notaveis, de certo, as de La Salle, Francke, Lakanal, Herbart, para só citar alguns nomes,—nunca deixámos de ser profundamente brasileiros e nunca nos esquecemos de que no Brasil, e somente aqui, é que se exerce e que se terá de exercer a nossa actividade como educadores.

O BRASIL, DESCOBERTO DE NOVO, PELOS BRASILEIROS

Graças a Deus, os nossos homens de estudo começam já a perscrutar a nossa gente e a nossa terra, mas é preciso intensar a comprehensão dellas, necessario se torna analysar a sério os nossos assumptos, entender o momento e ter a devida coragem para, sem ambages, alto e bom som, declarar os males ou os defeitos julgados taes, afim de indagar-se dos correctivos. E' a consciencia reflectida da Nação que entra a constituir-se.

Querer occultar falhas, ou procurar disfarçá-las por um mal entendido decóro, pode não ser conveniente, em se tratan-

do de agrupamentos humanos, por induzir em erro capaz de retardar o desenvolvimento delles, maximé quando, como entre nós, o solo é vasto e a população rarefeita.

Compete aos nossos estudiosos, á nata intellectual do Brasil, enorme tarefa no sondar os *loci minoris resistentiæ* da nacionalidade e apontá-los a nós outros, obreiros, cuja acção, seja ella efficientissima, não comporta as indagações determinantes da trilha a seguir.

Num terreno sociologico—e não sei como desligar o problema educativo do problema social (seria o jôgo da *cabra-cega*, —Oliveira Vienna, admiravel cerebração de investigador original) acaba de nos indicar, a nós brasileiros, rotas desconhecidas e mais seguras para as nossas funcções de povo civilizado, projectando luzes fartas e esclarecedoras, no labyrintho inextricavel da nossa vida, desde 1500, dando-nos, nova Ariadne, a ponta do fio magico que nos permitte comprehender-nos a nós mesmos e ao que de perto nos toca.

E' alli, na obra do pesquizador emerito e dos que se lhe seguirem, que haveremos de assentar as bases do nosso procedimento pedagogico, na orientação de toda a nossa vida escolar. Methodos e processos de ensino, entre nós, necessitam, primeiro que tudo, um como trato civico antes de applicados, e devem avaliar-se, em larga conta, pelo que concorrerem na luta contra os defeitos, que tivermos, e no exaltamento das nossas boas tendencias que, sem duvida alguma, as possuimos e muitas. Os povos não precisam ser vaidosos nem modestos.

Ainda ha pouco, em luminoso artigo, o supra-citado Oliveira Vianna affirmava: «De modo que vamos celebrar o centenario da nossa emancipação sem podermos exhibir ao mundo coisa alguma organizada: Nem a nossa vida economica, nem a nossa vida social, nem a nossa vida politica.»

E' civismo e do melhor proclamar os nossos desvios, desde que verificados, se com a sincera intenção de corrigí-los. Para uma grei ávida do progresso pelo qual se empenha, essa franqueza, rude embora, será sempre benefica. Leve-se ainda em linha de conta que, ás vezes, as falhas attribuidas aos povos são antes imaginarias do que reaes, principalmente se o juizo é de extrangeiros, que julgam ao longe, com as maiores probalidades de engano.

Com respeito a essas opiniões desfavoraveis, sem nem um apoio, seja-me licito transcrever, a titulo de curiosidade e como panno de amostra, dois trechos de Alfredo Fouillée, no seu livro TEMPERAMENT ET CARACTERE SELON LES

INDIVIDUS, LES SEXES ET LES RACES, 4a. edição, Pariz. 1901:

Diz o primeiro: "Um viajante americano viu recentemente a obra dos emigrantes ailemães que se estabeleceram no Brasil. Após uma experiencia de dois annos, diz elle, encontrais o colono allemão assentado á sombra de uma figueira plantada por seu predecessor portuguêz. Para trabalhar em seu lugar alugou um negro. Voltai alguns annos mais tarde; ordinariamente só restará o negro: o colono allemão terá morrido de febre ou terá ido embora."

A outra referencia: "Ao longo do Amazonas, segundo um outro viajante, as familias de raça branca começam a desapparecer pela terceira geração; tornam-se então victimas da escrófula e o mal é sem remedio."

Não vale a pena um protesto contra leviandades deste jaez. Empreguemos melhor o nosso tempo nutrindo-nos nessa modernissima e já gloriosa lição que é, por exemplo, o trabalho de Oswaldo Cruz, no saneamento do Paiz: alli, sim, e noutras que taes, é que se acha com que despertar, aos poucos, nos nossos alumnos, as qualidades que fazem o homem de febra— iniciativa, tenacidade, ordem, pontualidade, descortino, verdade, perseverança, comprehensão dos meios e dos fins, severidade, energia, calma, bondade... e todo esse cortejo de soberbos attributos, attributos abençoados que hão de transmutar a despreoccupada existencia da criança na têmpera de aço do lutador.

Lição tambem, brasileira, de energia e arrebatadora, mas agora do passado, é essa epopéa bandeirante, onde assomam as façanhas de Raposo Tavares, um prodigio de vigor e de aventuras, que é preciso apontar ás crianças do Brasil, assim como ensinar-lhes, nas escolas e nos lares, aquelles deliciosos versos de Bilac, quando cantava, no lindo poema, o cyclo das esmeraldas.

CLAMA, CLAMA E NÃO CESSES!

Compenetradas dessas saudaveis ideas, estareis aptas para o principio da campanha salutar e proveitosa, na vossa escola e no meio em que ides residir. De sobejo vos assignalei, no curso feito e nas explanações quasi diarias, o duplo papel da escola—o educativo, primordial, e o instructivo.

Escola que não eduque, isto é, que não crie outros habitos, melhores, falha ao seu papel; mais ainda, trahe a sua missão. E mudar habitos, não nos illudamos, é encargo difficil, de não pequena monta: exige-se, para tanto, todo um treino demorado dos centros nervosos, afim de se obterem novos

reflexos. Formar habitos differentes é, em summa, dar-se ao eixo cerebro-espinhal uma feição diversa da que até então apresentára. E que semelhante problema é intrincado, bem o sabeis, como tudo quanto diz respeito a qualquer modificação que alguem se proponha introduzir nas nossas reacções nervosas: há precisão de perseverança e muita, ás vezes para resultados minimos, insignificantes. Alterar habitos de um individuo e de um grupo, de uma cidade e de um paiz são questões de longa paciencia, e de constancia num determinado fim, (possiveis, porem,) que a Sciencia admitte e de que a Historia nos fornece exemplos.

Para se conseguirem, no entanto, todos os proventos educativos, numa obra extensa e generalizada de regeneração ou de revigoramento, necessario seria que os agentes educativos, em acção combinada e conjuncta, concorressem para obtenção de effeitos similares, constituindo uma como cruzada nacional perdurando por séries de gerações.

E, nesse sentido, que papel relevante o da imprensa esclarecida do Paiz, se se dispuzesse a tomar a iniciativa do emprehendimento consistente em fazer convergir os esforços dos agentes educativos todos para o alcance, em menos dilatados dias, dos altos fins nacionaes que os espiritos de escol já entrevêem e cujo advento feliz constituiria o término de uma primeira e admiravel jornada!

Tratando se de obra educativa, que se não perca de vista o prestigio magno do exemplo dignificador, dado o forte poder imitativo da criança e dos adolescentes, em especial.

CONFIEMOS NA ESCOLA!

Nenhum abatimento, nenhuma descrença devem concorrer para a destruição das energias do professorado. Se há classe na qual a tristeza, o desanimo sejam quasi um crime, essa classe é aquella que vive em contacto com as consciencias infantis. E' da maior conveniencia que a mentalidade do mestre-escola seja consolidada por crenças firmes, por directrizes seguras, capazes de o afastarem dessas doutrinas dissolventes, tão brilhantes quanto perigosas e falsas, verdadeiros *cantos de sereia* de que é necessario fugir a tempo.

E' por isso que eu profligaria a obra das escolas normaes, é por isso que eu estigmatizaria com o mais infamante ferrete a obra dos mestres de normalistas que, esquecidos do seu compromisso, dos seus deveres e da sua enorme responsabilidade nos destinos da Patria, andassem a fazer trabalho refalsado, já nas lições penetradas de ideas subversivas, já nos exemplos

corruptores, depositando na alma receptiva dos alumnos, sob o pretexto de desenvolvimento mental, não o germe da fortaleza, que cria, mas a semente da destruição, que anniquila.

Seria crime de lesa-patria deixar sahir das escolas normaes, para as escolas primarias, uma mocidade que, por nossa desventura, só o fosse no numero de annos e que já estivesse senilizada, e envilecida pelo que houvesse visto e ouvido. Moeda falsa de nova especie, taes mestres-escolas seriam dignos dos falsarios que os houveram fabricado.

As escolas normaes parece não estarem bem comprehendidas, na relevancia do seu papel: é que talvez se procure aferir a importancia desses estabelecimentos de ensino pela modestia no viver do mestre primario. Mas que importa essa modestia? Entre povos bem fortes pelo numero e pela riqueza, e aponto-vos os norte-americanos, vê-se logo em que consideração se tomam as escolas e os mestres.

«"Instruí o povo"! tal fôra o brado de alliança dos republicanos de Nova-Inglaterra, refere François Guex; esse foi tambem o primeiro conselho dado por William Penn ao novo Estado que elle havia organisado na Pensylvania (1681) e cuja constituição se tornou o modelo da União. "Instruí o povo!" foi a ultima recommendação de Jorge Washington aos seus concidadãos.»

Eis ahi, Jovens Collegas, como hà sido traçada, por essas individualidades salientes, a rota da escola note-americana, com a qual tanto temos apprendido. desde a aura vitalizadora. rapida e fecunda, do saudosissimo Caetano de Campos. E' tambem ella, a escola norte-americana, que impressiona, rijo, Domingos Sarmiento, fazendo-o tornar-se, na Argentina, o apostolo da Instrucção publica primaria, e, nessa mesma fonte vivaz, inspira-se José Pedro Varella, o criador do ensino moderno no Uruguay.

Donde provinha, porêm, a fôrça da escola norte-americana que, assim, ia evangelizando outras gentes as quaes, desta sorte, abandonavam seus habitos de incultura e iam a novo rumo?

Simplesmente deste facto edificante: a confiança que sempre houve e continua a haver, nos Estados-Unidos da America do Nortc, na efficacia da escola e no seu exito completo. Essa fé, existente em todas as camadas sociaes, desde o mais conspícuo até ao mais apagado cidadão, havia illuminado, por seu turno, o espirito do grande Horacio Mann quando elle declarou que "a escola foi a maior descoberta que a humanidade fez e que, fora dessa arca, não há sinão o diluvio."

E semelhante crença, robustecida pelo tempo e pelos progressos, fôrça estupenda naquelle estranho povo, tem desabrochado nessa maravilha de expansão e efficiencia que é a escola norte-americana. Ainda agora mesmo, a arrojadissima expe-

riencia do *regime secco*, repousa, porventura em grande parte, na fé nunca desmentida sobre a obra da escola publica.

Tal certeza de êxito, admiravel sob todos os ponto de vista, precisávamos criá-la aqui, no Brasil, que mais se levantaria ainda, aos effeitos de sôpro tão oxygenado e vivificador. De que maneira, porêm, preencher a lacuna?

Intensifique o professorado nosso um trabalho no sentido indicado, fomentando esse credito social de que elle proprio se beneficiará; procurem os mestres tornar-se cada vez mais dignos da confiança publica, firmando a sua reputação em actos que não em promessas, pois no dia em que os brasileiros puderem descançar na segurança da obra educativa da escola, ahi então veremos realizada a apóstrophe do poeta, quando bradava aos moços estudantes, no famoso hymno

"Mocidade, eia avante, eia avante!
"Que o Brasil vos aguarda com fé!
"Esse immenso colosso gigante,
"Trabalhai por erguê-lo de pé!

TRISTEZAS NÃO PAGAM DIVIDAS

Se o pessimismo desalenta e mortifica, salta aos olhos do menos investigador que, na luta pela vida, com os tempos que passam, o pessimista ou soffre, primeiro que todos, os effeitos deprimentes do germe deletério, que traz em si, ou transmitte aos demais o nosso germe, criando, de tal arte, como portador de microbios, ao redor de si, um núcleo de queixosos, um ambiente de desanimados, um foco de vencidos.

Ou seja a instillação constante, gota a gota, na alma dos discipulos, de ideas que matam todo o estímulo, que destroem toda a sã alegria do viver; ou seja a apreciação malévola a respeito de tudo, mesmo das coisas mais santas, gerando-se deste modo, precoce maldade, contraria a todas as vibrações sympathicas da existencia; ou seja ainda a palavra sublinhada intencionalmente, chispante de ironia inopportuna, gaz mephítico de effeitos letaes para o que é bello e elevado nas aspirações humanas; ou seja emfim um horizonte eternamente ennegrecido que não admira a nobreza do gesto e a claridade do raio solar, que não sente o enlêvo da montanha e a superioridade do genio, que não estima o verdor da relva, a paz do céu azul e a pureza da santidade, que não preza o brilho das estrellas, o talento de bem fazer, o gárrulo marulhar das aguas... tantas e tão variadas são as formas do pessimismo na vida e, ás vezes no magisterio onde, melhor do que em qualquer outra classe, devêra ser religiosamente respeitado o conceito de

óptima pedagogia contido na satyra (XIV, 47) de Juvenal: "Maxima debetur puero reverentia."

Esta sentença do verso daquelle agudo engenho poetico latino parece ter sido a inspiradora de João Jacques Rousseau, o genial autor do "Emilio", incontestavelmente um dos factores do renovamento pedagogico do seculo XIX, visto como, nas paginas roussonianas do livro revolucionario, encontra-se, a cada passo, a idea fundamental do respeito que deve ser tido pela pureza das crianças, as quaes não é licito perverter com ensino maldoso, pessimista, arremêdo de escola, contrafacção das ideas-mães prégadas e seguidas pelos delicados espiritos dos Gerson, Montaigne, Comenius, Fénélon, Froebel e tantos mais, ideas que são o alicerce da pedagogia classica.

A humanidade, está-se vendo todos os dias, na dura ancia de resolver depressa os seus proprios destinos, apura as aptidões, procura por em jôgo os valores potenciaes contidos em cada um. Ora, a fé num ideal, o enthusiasmo das boas causas, os credos religiosos sem fanatismo, uma philosophia sã, as crenças sympathicas, baseadas não na ignorancia ou na ingenuidade e sim nas vantagens que adviriam na realização de um progresso moral humano; isso tudo será fonte perenne de energias que se não podem desprezar. Optimismo, simplicidade, dirão muitos, lembrando-se dos motejos do "Candide", mas, esses taes não se esqueçam tambem de que, se Voltaire gracejava com a maxima exponencial da philosophia leibniziana, elle era, por outra face, um temperamento combativo de crente, que lutava por causas nobres e se enchia de admiração ao ler o livro de La Chalotais, o celebre "Ensaio de uma educação nacional" (1763); e essa admiração estava mais ou menos de accôrdo com o pensamento de Leibniz, tantas vezes citado: "Dai-me a educação e eu mudarei a face da Europa em menos de um seculo".

A pedagogia experimental acaba de por a prova, com Maria Montessori, o que vai de excellente numa orientação pedagogica quando bafeja de ares puros, optimistas, uma escola de crianças ainda que pobres, mal vestidas e alimentadas sem maiores cuidados. Hoje, o systema montessoriano, baseado em estimulantes de alegria e confiança em si mesmo, espalha-se rapido em todos os paizes adiantados.

E que é o escolismo, Senhores que me ouvis, quando bem executado senão uma admiravel escola em que a alegria, o contacto com a natureza, a consciencia do dever, a iniciativa, a hygiene da alma e do corpo... o optimismo, emfim, transformam inteiramente, para melhor a individualidade do menino?

Se a vida nos corre menos bem, se nos nossos casos não temos a ventura desejada, occultemos aos nossos alumnos es-

ses aborrecimentos que não precisam saber. Ao seu tempo tambem elles, discipulos, virão a pagar igual tributo de soffrimento. Procuremos, já que lhes não podemos poupar semelhantes contribuições, inherentes á especie humana, desde o seu início (e para explicá-lo foi que se inventou o mytho do casal paradisíaco), procuremos sim, criar mentalidades calmas, reflectidas, robustas, capazes de neutralizar, em grande parte, com a sua fortaleza de animo, as mazellas que existem, porque attributo essencial ao homem.

Admittir os padecimentos proprios da humanidade, averiguar-lhes os méritos de factores do progresso humano (em que Voltaire acreditava absolutamente), reconhecê-los como instigadores das obras primas da arte, disfarçá-los, não lhes ligar mais importancia do que a que merecem — eis a boa e sã philosophia deste mundo.

Altos ideaes, sim, é preciso que os tenha a nobre classe do magisterio, ideaes criados e alentados ao influxo da percepção cada vez mais nitida do que convem fazer, em beneficio do Brasil. Os ideaes são energias, ideas-fôrças insuperaveis com as quaes devemos contar todos, se desejamos sinceramente o progresso. Todavia, não basta sonhar um futuro melhor, mais nobre, mais próspero! E' preciso que esse sonho seja viável e que as tentativas de realização encontrem toda uma série de disposições, pelas quaes se há de concretizar em actividades fructificadoras.

Sonhar, simplesmente, sem a possibilidade de acção efficiente, é a utopia, e Oliveira Vianna de sobejo já demonstrou, quanto os utopistas teem retardado o progresso do Paiz, Em todo o caso, parece ainda que menos prejudiciaes serão os idealistas, mesmo utopicos, do que esses espiritos chatos e seccos —homens praticos—que foi e ainda é moda applaudir como expoentes de perfeição humana: Sympathizo immenso com Ingenieros quando affirma que "ensinando a admirar o genio, a santidade, o heroismo e a gloria é que se preparam climas propicios ao seu advento."

EXPECTATIVA QUE NÃO DESAGRADA

A conclusão a tirar-se de todas as manifestações da vida nacional tem de ser fatalmente optimista. Não faz muito, Pontes de Miranda publicava, num dos diarios do Rio de Janeiro, apreciação interessantissima na qual, estudando as tres ultimas gerações—a dos nascidos de 1845 a 1865; a intermediaria, dos que vieram até 1885; e a nova, dos de 1888 para cá—mostrava claramente as muito boas disposições e as excellentes caracteristicas dos ultimos mencionados, os de 1888, "geração que

nasceu pobre, porque os paes não tiveram escravos, e, por isto mesmo que não contou com o trabalho alheio, é a primeira que "vive por si", a que veio mostrar a assombrosa capacidade do brasileiro para a vida. E' a geração que vê, em tôrno de si, o fulgor tumultuoso da velhice, e cogita da alma brasileira aos seus habitos tradicionaes de austeridade sadia e de rigidez de caracter."

Conforta observar que os verdadeiros estudiosos da vida nacional, applicando methodos mais perfeitos de investigação e de interpretação, vão descobrindo, na terra e na gente, predicados valiosos que, até agora, foi costume nosso, e mau, desconhecer ou deturpar. Haja vista o que se dava com os fazendeiros e com os caipiras. Não foi á tôa que Vargas Vila escreveu algures: "Há algo peior do que os espiritos analphabetos e é: os analphabetos do Espirito: uns, não sabem ler, mas os outros, não sabem o que lêem." A nação, pois, conhecendo-se, desanalphabetiza-se do espirito.

O MAGISTERIO E' UM POSTO DE SACRIFICIOS. "O VERDADEIRO AMOR DA GLORIA, NADA ESPERA DELLA"

Ide-vos diplomar, portanto, numa era nova, de rejuvenescimento geral, de salutar e nobilitante confiança nos destinos da Patria. Forma-se, aos poucos, devido a factores varios, um povo brasileiro que, até hoje, não existia senão como expressão literaria. E' a era de uma geração que "quer influir, reformar, regenerar, "precisar as directrizes da nacionalidade"."

A vossa formatura, pois, coincide com uma verdadeira *renascença brasileira* e oxalá possais inteirar-vos dos magnos interesses nacionaes, afim de que a escola brasileira venha a ser a officina onde se forje o brasileiro. Muito deve a escola evoluir ainda para a consecução desse desiderato e para isso, precisa generalizar-se, espalhar-se pelos recantos todos do Paiz e insistir em certos pontos que são como os esteios da Patria. Compete aos guias do pensamento nacional dizer quaes sejam esses pontos basicos.

Poucos dias faz, ouvi do Ex. Sr. Dr. Secretario do Interior uma phrase que, por muito cabivel, peço venia para repetir aqui. Extranhava S. Exa. certos habitos maus acharem-se tão enraizados, nos nossos estabelecimentos escolares, que produzem a impressão de serem os alumnos os que impoem, ás classes, a orientação que lhes convem a elles, alumnos, e ás suas familias. Tem toda a razão, S. Ex.: a escola é que se há de impor aos discipulos, visto como é ella que representa os inte-

resses maiores, da nacionalidade, expressos pelos sociologos e pelos philosophos da educação.

Nos meus dezenove annos de magisterio, dos quaes oito no ensino primario exclusivamente, tenho conseguido apprehender alguns deffeitos communs ás nossas casas de instrucção. Entretanto não são poucas as virtudes que alli se encontram, nas quaes sobrelevam a modestia, a affectividade e, sobretudo, um acendrado e intemerato amor á Patria. Muitos e muitos bellos esforços do professorado perdem-se por falta de cohesão, de unidade de vistas no encarar problemas de importancia geral. É verdade que a classe é numerosa e nella se encontram elementos de variados matizes. Manda a justiça que se diga, felizmente, que a maior porção supporta, de galharda maneira, o pêso dos seus encargos e trabalha com exacta consciencia dos deveres. E a prova disto está no facto dos maus elementos serem apontados a dedo, tal a harmonia que fazem no conjuncto.

Investidas, como estais agora, do direito de ensinar, convem não esquecer que, a tal direito, bem como a todos os outros, corresponde um feixe de obrigações, algumas das quaes custosas de cumprir. Não confundais nunca a verdade, unica, immutavel, com o vosso modo actual de pensar, com as vossas crenças e certezas do momento. A verdade é que tem de ditar os nossos multiplos deveres, mas, para isso, torna-se preciso que cada mestre possua elevado espirito de observação e muita largueza de vistas, ao lado de uma índole liberal e desinteressada, permittindo sobrepor os interesses da collectividade aos seus proprios interesses. O magisterio é, pois, um sacerdocio.

De muitos professores tenho eu ouvido que não há estímulo na carreira e, por isso, não se esforçam. Pois então, deixam de ser estímulo o cumprimento do dever, a realização de um ideal, a consciencia das necessidades do Paiz e, de maneira mais egoistica, o proprio interesse em conservar vivas as energias, da parte de quem trabalha?

Deprehendo, do que hei observado, que bom numero de professores não está compenetrado da importancia das suas funcções sociaes. Alguns julgam-se, mesmo, simples amanuenses de secretaria, tomando, como typo para confronto, o ganho mensal. Neste caso, os santos todos e legião de heroes, porque sempre foram pauperrimos, se avaliariam pela tabella dos serventes de grupo, que é a mais baixa.

Compenetrai-vos da importancia da vossa missão. Lêde a vida dos grandes educadores, porque, se há leitura propria para os mestres de qualquer grau, é essa, cheia dos mais ricos ensinamentos. A biographia de João Henrique Pestalozzi, a de João Baptista Girard, a de Horacio Mann são maravilhosas pelo

que deixam de confôrto a energia em nós. Convivei, em espirito, com os grandes educadores e com os philosophos da educação. Nenhuma companhia ser-vos-há mais propicia do que essa. Se ao lerdes a vida daquelles tres vultos que acabei de citar, não sentirdes um frémito de enthusiasmo, alliado a uma sympathia immensa pela causa que defenderam, então abandonai o magisterio, porque não nascestes para essa emprêsa; elle será um clima inadequado para as vossas tendencias.

E' CHEGADO O MOMENTO DA SEPARAÇÃO

Ainda não sahistes para a vossa missão e começamos já, na Escola que deixais, a sentir a falta do vosso convívio. Estavamos tão habituados ao vosso trato quotidiano que, se por um lado alegra-nos a vossa festa da terminação de estudos, por outro entristece-nos, porque esta solemnidade é, sem a menor sombra de dúvida, uma separação definitiva.

Nunca mais, pensai bem, nunca mais, na nossa existencia, nos reuniremos, naquelle tecto amigo, todos os que aqui estamos e que até aqui temos vindo através desses annos da mais intima e aproveitada convivencia escolar, numa paz de que poucas escolas se podem ufanar.

Este acto de formatura é, com justeza, a imagem das cousas humanas, nas quaes a alegria traz sempre, ao fundo, alguma dor, e vice-versa.

O momento que ambicionaveis chegasse, da entrega de diplomas, significa a separação, a apprehensão do futuro, o inicio, para vós, da luta pela vida!

UMA CONCLUSÃO QUE JA' ESTAVA DEMORANDO

Dentre vós, Dignas Collegas, algumas haverá que façam carreira brilhante; outras já não serão igualmente felizes, por encontrarem os obstaculos naturaes da existencia. Mas para todas, sem distincção, e o quanto pode alcançar a sinceridade humana, almejo dias venturosos a que fazeis jus pela vossa applicação nos estudos, pelo aproveitamento obtido, pela boa vontade clara e manifesta e, além disso, pela vossa conducta exemplar durante o quatriennio normalistico.

Quando receberdes elogios, na vossa vida profissional, examinai-lhes a origem: se, de competentes, levai esses encómios ao debito vosso e esforçai-vos em pagá-los, á sociedade, num desempenho ainda melhor do vosso encargo. Louvores são sempre dividas e dividas que vencem juro muito alto. Tomai nota disto.

Quando por acaso, fordes censuradas (e que tal cousa já-

mais aconteça), que a censura não vos abale e que vos sirva antes, se justa, de estímulo para um exame de consciencia e valiosas meditações nos defeitos que encontrades; se, injusta, procurai os meios legaes, discretos, seguros, para tirardes a nódoa; mas em nenhum tempo façais, dos vossos alumnos, as victimas do êrro, da má vontade ou da precipitação de outrem.

Nunca, tambem, julgando-vos a vós mesmas perfeitas criaturas, vos deixeis tomar de presumpção, de modo a vos considerardes pessoas necessarias e, sobretudo, insubstituiveis.

E, terminando este discurso, seja-me permittido encerrá-lo com os meus votos de felicidades, expressos ainda uma vez, ás Professorandas da turma de 1922, minhas caras alumnas, amigas, dirigidas e paranymphadas; e com a solicitação, que ouso dirigir á benevolencia do auditorio, para que me perdôe, pelo mal que lhe fiz, no precioso tempo que lhe tomei.

Todas estas coisas, porêm, que acabo de proferir, originaes que sejam, ou, (o que é mais exacto), repetidas, quiçá, de alheios pensamentos, aqui vieram e aqui foram ditas, com o intuito muito patente de prestar um serviço, modesto embora, á sagrada causa do Brasil.

O DESENHO NAS CLASSES INFANTÍS

Sou de opinião que não se dê á primeira classe do curso preliminar o desenho do natural em vista da idéa preconcebida que as crianças têm das cousas.

De facto, o que se tem observado nas representações graphicas das crianças é que estas têm uma maneira toda especial de comprehender as coisas, quaesquer que sejam as attitudes que estas tomem no espaço. Só desenham o que *entendem ou comprehendem*, segundo typos de cunho caracteristico, segundo orientação indeterminada e segundo fórmas projectivas.

Eis alguns desenhos colhidos em classes de crianças de 4 a 7 annos que revelam *a idéa preconcebida* e, além disso, *o automatismo, a negligencia de orientação e de traços, a falta de espirito synthetico, o aspecto projectado* (orthogonalmente) etc.

FIG. 1

Entre os trabalhos que mais assignalam a idéa preconcebida, pelas condições em que foram feitos, estão os vasos I, I-a, I-b e III, da collocação de 40 trabalhos do mesmo typo, (fig. 1); a professora, que me auxiliou na indagação, apresentou ás crianças a seu cargo um vaso—sem flôres—, escondeu-o e pediu ás crianças que desenhassem apenas um vaso. Para estas—um vaso—ha de ter flôres.

A criança do desenho I-a, fez duas flôres, de côres differentes, sem attender a que ellas pertencem á mesma planta ou a mesma haste. No desenho I-b, a figura nos mostra a planta até á raiz, e nisso, a criança revela comprehender optimamente o objecto de sua attenção.

Os desenhos III e VI nos mostram o automatismo, isto é, a persistencia da criança em desenhar uma fórma, que lhe agrada, repetidas vezes. Numa só pagina faz tres vasos e varias flôres do mesmo typo; no trem, as rodas se succedem para traz do vagão numa extensão bem maior do que a que se vê na gravura. E' justamente na série diaria de desenhos que o automatismo se manisfesta mais intensamente.

A falta de orientação se observa nos desenhos II e II-a notem-se as linhas verticaes da casa e o vaso (ou canteiro) de onde sahem os ramos de flôres.

A criança, egualmente, não cuida, ao traçar uma linha, de fazel-a de um comprimento seguro ou certo: os traços se transpassam ou não se definem em suas extremidades.

Note-se a falta de synthese nos desenhos IV, VIII e X: os chapeus estão separados das cabeças e a boneca dissociada da menina.

O aspecto projectado em plano vertical ou horizontal, é um dos mais curiosos traços do desenho infantil. Observe-se o desenho V: a criança, na impossibilidade de representar perspectivamente o caminho que sae da porta, rebate inconscientemente o plano horizontal do caminho sobre o vertical do desenho. O caminho parece fugir para o ceu. Igual facto no desenho VII, em relação á calçada.

O desenho IX representa o largo do mercado de S. Carlos e é de uma verdade palpitante: é uma projecção horizontal do largo. Experimentando no 4.º anno da Escola Modelo Annexa á Escola Normal de São Carlos, obtive um desenho deste largo, entre outros mais ou menos iguaes, mais completo e acabado (XI), mas absolutamente com o mesmo aspecto projectado do IX. No centro das vias, outra criança desenhou um antigo coreto (XII) rebatido sobre o chão do largo, como aliaz, todas as arvores. O trem é um aspecto projectado em plano vertical. Por mais que se estenda o comboio, a criança

repete a fórma (V) do vagão, sem cogitar das extremidades deste, cada vez mais visiveis para os lados. O desenho XIII representa em planta—A minha casa por dentro.

Quanto a terem as crianças, em suas phases naturaes ou expontaneas de desenvolvimento, uma noção vaga da projecção perspectiva, tenho dúvidas, apezar das pesquizas já feitas.

Sou propenso a crer, no entanto, que as crianças têm esta noção e ella se caracteriza aos 10 ou 12 annos. Encontrei exemplos de representações projectadas em plano horizontal e representações perspectivas de um mesmo assumpto; constatei em varios desenhos que representavam o largo do mercado de S. Carlos, uma gradação absolutamente definida, desde o aspecto projectado ao perspectivo, isto é, da fórma plana rectangular ao trapezio. A differença de alturas nas varias partes de um desenho (II e VII) é um traço perspectivo que commumente se observa no desenho infantil.

Estou absolutamente convencido de que o que se observa nas crianças de 4 a 7 annos continúa a ser observado em idades maiores, com um grau, porem, de expressão mais alto (desenho XI).

Será pelo que acabo de mostrar, mais aproveitado o tempo, si, em vez de estudar o natural, analysando-o directamente, a criança o definir melhor em seu espirito corrigindo, sob a orientação do professor, as apreciações erroneas que fazia sobre os objectos, relativas ao numero de elementos componentes do tôdo, relativas á fórma, á côr, á disposição destes elementos, ao espaço, etc.

Imagem preconcebida é a imagem interna das coisas; esta differe da imagem perspectiva no que se refere, num momento dado, á realidade das coisas. A primeira se forma por interpretação de espirito, a segunda pela apreciação directa das condições do natural.

Sobre a imagem interna da criança, Henrique Luquet, cujo livro—Dessins d'un enfant—tive occasião de ler, refere um exemplo frisante. Deu um dia á criança, cujos desenhos estudava, o esboço de um canivete fechado e lhe pediu que o reproduzisse. Ao reconhecer o canivete, a criança disse que «um canivete não era assim» e desenhou em seguida, como poude, um canivete com as laminas abertas. Evidentemente no espirito da criança, o canivete não devia estar sem laminas, tal como quando é posto em uso.

O primeiro passo no ensino do desenho, é, a meu ver, na escola preliminar,—*fazer a criança exprimir pelo desenho a sua maneira de comprehender as coisas afim de se corrigir mediante a critica do professor.*

Os erros que apparecerem no decorrer das lições ou, melhor, dos exercicios serão muitos, mas é justamente errando que se aprende. Todas as imagens incubadas na memoria infantil terão por certo vida verdadeira e o curso dellas, o seu desenvolvimento será feito segundo os processos psychicos naturaes.

A transição do desenho da imagem interna para a imagem perspectiva será obra do tempo. E' claro que a criança terá de pôr em jogo assiduamente a sua memoria visual durante o seu aprendizado. Muitas vezes mesmo será obrigada a considerar de perto os objectos que desenha, grupados ou isolados, complexos, ou não, levando o exame até ás impressões tacteis e ás que forem necessarias á mais completa comprehensão do natural. Haverá, pois, um grau em que a criança procurará considerar as fórmas no espaço, o aspecto perspectivo das coisas e tentará a reproducção dessas fórmas.

Pela propria exigencia das observações, a criança entrará a fixar fórmas já vistas em posições do espaço para posteriormente alteral-as de accordo com as suas concepções visuaes ou phantasias.

As phases do aprendizado se succedem, conforme nos revelam os desenhos expontaneos, do seguinte modo:

1.º—desenho de fórmas mal visualizadas (a criança vê os objectos e os comprehende de relance). São objectos de sua preoccupação, todos aquelles que a impressionam fundamente;

2.º—desenho de fórmas muitas vezes vistas (a criança se preoccupa em representar as coisas perto das quaes se acha constantemente: seus brinquedos, os animaes, a casa, seus companheiros, logares, etc.;

3.º—desenho de fórmas actuaes ou presentes (a criança tenta a reproducção de um objecto ante os seus olhos);

4.º—desenho de memoria (a criança automatiza as fórmas que conseguiu desenhar);

5.º - desenho de phantasia (a criança modifica os aspectos já memorizados adaptando-os a novas idéas).

O desenho de composição é rarissimo, quando tem a criança de inventar propriamente.

Eis ahi o quadro geral das difficuldades, os degraos por onde o professor deverá levar os seus alumnos. O ensino de desenho deve por isso ser objecto de attenção cuidadosa por parte do educador para que, atravez das phases graphicas—desde a imagem interna ás que fixam as condições naturaes, a criança possa realmente tirar proveito do exercicio.

Proceder de outro modo é sacrificar lamentavelmente uma materia de grande valor educativo. O falso proposito de "dar iniciativa ás crianças pelo desenho, lançando-as livremente a sua

phantasia" é um peccado que todo o professor deve expurgar inteiramente de sua conducta. E' do euthusiasmo deste, de sua orientação segura, do poder de sua suggestão e de sua amizade pela escola que brotarão os melhores fructos de seu trabalho. A actividade dispersiva dos educandos, longe de melhorar as condições destes, só poderá concorrer para a formação de habitos nocivos ao seu desenvolvimento harmonico.

Si em todo o trabalho educativo é a ordem o que preoccupa o educador e á ella se prende toda a força do interesse, o exercicio do desenho não pode fazer excepção.

Eis a série de aulas que, a meu ver, devem ser praticadas nas escolas preliminares:

1.º—aulas para o desenvolvimento de visualismo interno;
2.º—aulas de desenho do natural;
3.º—aulas para o desenvolvimento da memoria visual;
4.º—aulas de desenho de composição;
5.º—aulas para o desenvolvimento do gosto decorativo;

Os exercicios das quatro primeiras serão para o cultivo da imagem visual ou melhor para a traducção das idéas pelo desenho. A ellas devo juntar o exercicio decorativo, não só porque desde cedo se deve na escola cultivar a *tendencia esthetica*, natural em toda a creatura humana, como porque é um precioso exercicio para o desenvolvimento da *faculdade inventiva* das crianças. De facto, são illimitadas as variantes decorativas que se podem obter numa escola inteira com um typo decorativo fundamental ou these. E' tal a importancia deste genero de trabalho, pelos proveitos que traz e pelas innumeras applicações, que a falta só se explica, nos programmas actuaes de desenho, por distracção lamentavel.

Nos primeiros annos preliminares (1.º e 2.º) os exercicios devem ser de preferencia os do visualismo interno, embora se trate de iniciar crianças de 9 annos, cuja experiencia, adquirida no convivio da familia e nas relações infantís, já é grande.

Os exercicios tratarão de:

1.º—*comprehender formas isoladas:* o menino (ou a menina), a casa, o chapéu, a bengala, o guarda-sol, os sapatos, o canivete, a caixa de lapis, a bolsa, as fructas, etc.; os animaes que a criança conhece—galinhas, patos, o cão, o cavallo, o boi, etc.; objectos de brinquedo e coisas que mais a impressionam;

2.º—*comprehender fórmas em conjuncto:* o me-

nino com sua bengala passeando no jardim ou no campo; o menino brincando perto da casa, o menino tocando patos; o gallinheiro, o cão de guarda, etc.; historias, o folk-lore nacional;

3.º—*arranjos decorativos* com cartões de fórmas variadas, pausinhos, folhas, flôres, etc.

Como nas demais disciplinas preliminares, *todo o aprendizado será analytico*, isto é, do tôdo para as partes e do facil para o difficil. A incapacidade synthetica da criança não permitte aliaz outra maneira de aprendizado.

O methodo ora exposto, porém, parece fugir do preceito pedagogico, quando inicia o trabalho com a representação de fórmas isoladas. Tudo depende no entanto, de comprehender *o tôdo*. *Um canivete com folhas* representa bem o pensamento integral—este canivete tem folhas—ou—eu vejo um canivete etc.; o menino isolado equivale a—vejo um menino—ou—este menino é Paulo.

Além disso o inicio por fórmas isoladas gradúa a *difficuldade material* do desenho que, embora não exista para a criança, se faz sentir, sem que esta o perceba, em seus trabalhos.

E' o que temos de fazer quando representamos *um tôdo complexo*—uma paisagem, p. e, isto é, temos de ir por partes inteiras—a casa, o caminho, os montes, as mattas, as figuras, etc. Aliaz é só depois da consideração detalhada dos elementos de um *tôdo complexo*, que podemos comprehender a sua integridade esthetica. Extasiamo-nos ante a belleza de uma paizagem e somos impressionados por um rythmo mal conhecido de belleza,—o arranjo, o imprevisto, as colorações, a frescura ou a tranquillidade e outras condições diversas. Essa belleza, no entanto, não a sentimos completa, a não ser quando contemplamos os elementos do arranjo, a polychromia das côres e os factores variados que nos deram a primeira sensação confusa do bello. Para chegar, pois, a um todo completo, temos de considerar tôdos simples.

Os que pensam que os assumptos devem ser *tôdos complexos*, asseguram que a creança não comprehende um objecto isolado, mas sim—no seu meio. No entanto as variadissimas provas, tiradas em muitos inqueritos por mim feitos nas escolas de S. Carlos, attestam exhuberantemente que a criança não se preoccupa com tôdos simples no complexos, mas com determinados assumptos, dentre os quaes se salientam a casa, o menino e as coisas pue a elle se prendem.

Eis alguns desenhos em que se vê claramente a importancia que a criança dispensa aos seus desenhos isolados. Estes não podem ser attribuidos somente á incapacidade synthetica por-

que em muitos delles as figuras não formam o conjuncto complexo quer intencionalmete, conforme ás allegações da criança, como pela casualidade das fórmas, cujas relações são impossiveis si não se quizer levar a um grau absurdo a interpretação das figuras. Em outros desenhos ha a intenção do agrupamento declarada ou evidente.

No desenho VII (fig. 2) a criança teve a intenção de fazer em cada quadro um "desenho bonito"—muitos, portanto, dos que a professora pediu; no desenho VI a criança fez uma casa com escada, depois um jardim, flôres avulsas, um vaso de flôres e um sol; no desenho IX ha um guarda-chuva e uma casa (a criança teve a intenção de fazer um guarda-chuva encostado a um canto da sala de aula); no desenho IV, uma bolsa foi o que preoccupou a criança; os demais 1, 2, 3, 5, e 8, revelam a intenção dos autores.

TYPOS DE AULAS

1.º—Sobre o visualismo interno. Assumptos simples.

Fim— Melhorar a imagem que a criança possue das coisas.

Meio—Os assumptos preferidos pelas crianças:—o menino, a casa, a igreja, um chapeu, um vaso com flôres, um regador, a arvore, a montanha, a bandeira, objectos escolares, etc.; o cão, o gato, o cavallo, o boi, patos, gallinhas, etc.; o carrinho, o automovel, o bonde, o balanço na arvore, a espingarda, o tambor, o velocipede, o trem, etc.

Preparação. Sendo o objecto de desenho uma coisa que a criança só pode ver a distancia, como a casa, o bonde, a igreja, etc., o professor chamará a attenção da classe para elle destacando ou fazendo destacar uma ou mais particularidades, avivando o interesse e o desejo de desenhar. Dirá alguma coisa sobre o geito do telhado, do para-raio, das janellas, da torre, da cruz, das côres do bonde, das rodas, etc.

Si o objecto a desenhar fôr pequeno, será de vantagem educativa que as crianças o examinem de perto, tomando-o, virando-o, abrindo-o, etc., pondo desta sorte em jogo a actividade de seus sentidos. Assim para um canivete, um leque, um bonet, um caramujo, uma fructa, um ramo de flores, etc.

Toda a critica deve ser um encorajamento, visto que a criança só desenha por prazer e versará exclusivamente no que se refere a falta de expressão. O professor tratará de pôr, as crianças, sempre que fôr possivel, no jogo comparativo de fórmas, solicitando executem ellas mesmo as modificações em seus trabalhos.

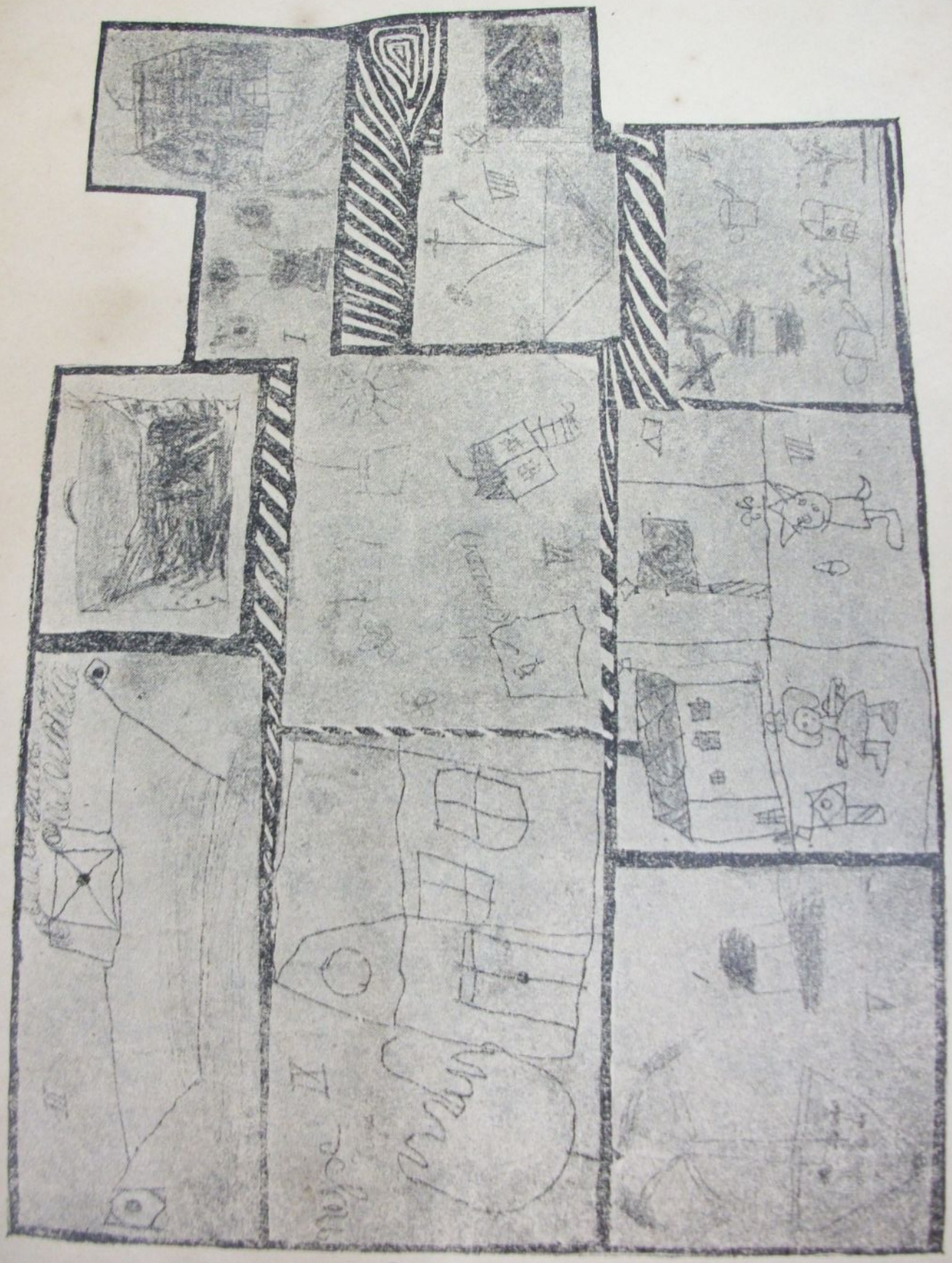
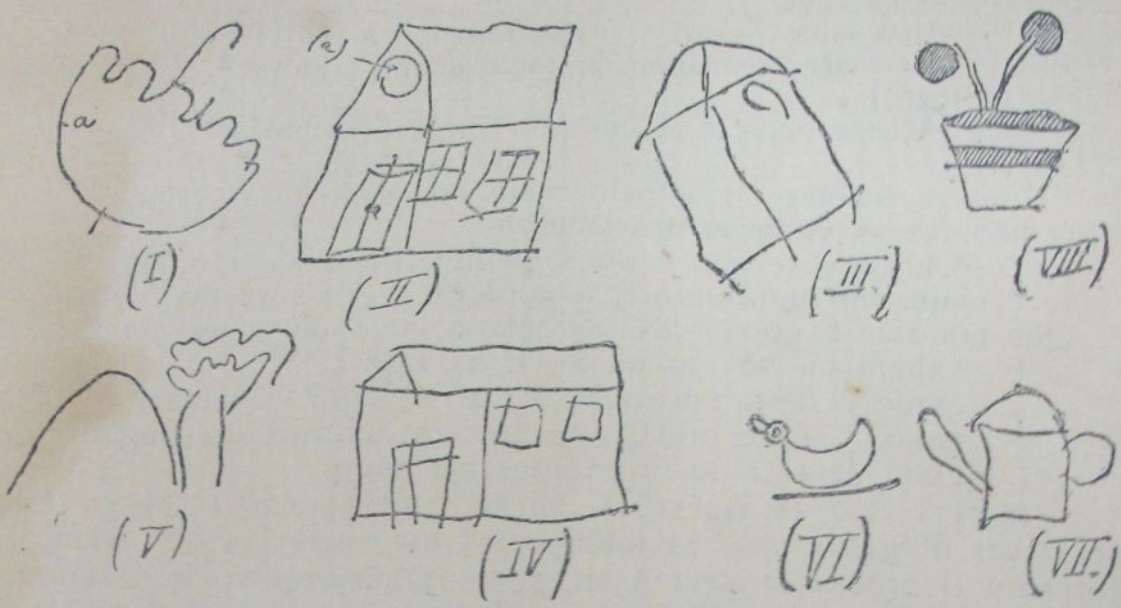


FIG. II

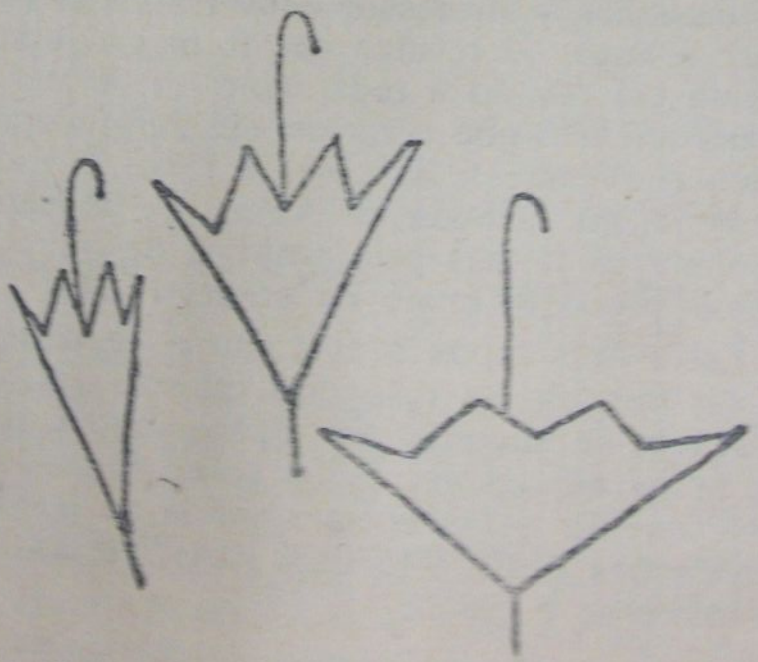
Desenhos que podem apparecer no decorrer do exercicio:



Eis as criticas:

1—(Chapéu fechado a um canto)—O chapéu não tem a linha *a* redonda. A beirada não tem tantas voltas. Você fez um guarda-chuva aberto.

No quadro-negro o professor fará, como nos outros trabalhos, os desenhos seguintes que, feitos *a posteriori*, não poderão prejudicar o primeiro esforço da criança ao desenhar suas imagens.



2—Você já viu na cidade uma casa com este buraco *(a)*? Porque fez uma janella mais alta do que a outra? As janellas

não ficam *assim* no canto. Os beiraes dos telhados não são rentes com as paredes.

(Uma só falta a corrigir: nas repetições automaticas, uma outra falta e mais a reincidencia; um desenho relativo á critica no quadro negro).

3— A casa deve estar em pé—Onde ficam as janellas e a porta?

4—Os beiraes do telhado caem nos cantos da casa.—Porque não faz as vidraças das janellas?

5—Uma arvore não é do tamanho de uma montanha.—Que é maior em uma arvore, a cópa ou a grossura do tronco?—Que côr tem a cópa?—Não gostaria você de fazer galhos?

6—Faltam os pés ao pato.—E as azas?

7—Onde é mais fino o bico do regador?—Quantas alças tem o regador?—Que outro objecto tem a fórma do regador?

8—Você deixou de pôr folhas no ramo.

Muitas são as questões ainda que podem occorrer ao professor diligente ante as indagações ou respostas da criança. Tambem o professor deverá suggerir os assumptos de desenho, aproveitando as opportunidades da vida escolar, afim de os reduzir a pequeno numero e facilitar o ensino.

II — continuação. Assumptos complexos.

Fim—O mesmo.

Meio—As formas, de preferencia, traçadas nos primeiros exercicios.

Preparação — Ennunciadas ou escriptas as idéas que as crianças vão desenhar, o professor conversará rapidamente com a classe sobre o tamanho relativo das formas a desenhar, isto é sobre o menino em relação á roda com que brinca, ou á casa proxima ou aos animaes que o cercam etc. Perguntará ás crianças o que já viram relativamente ás côres e feitio da roupa do menino, relativamente ao telhado da casa, ás paredes e janellas desta etc. Reviver as formas pela analogia de outras.

Na critica, proceder como na primeira aula.

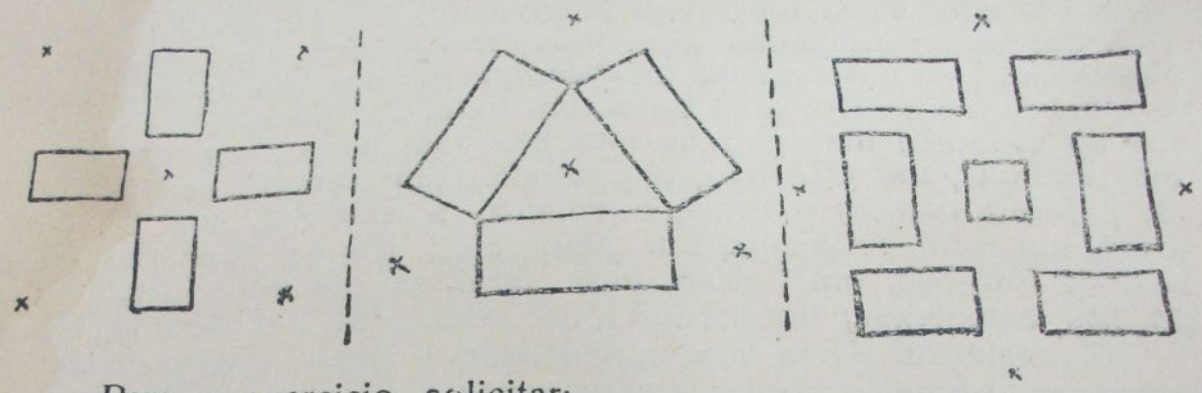
Nota.—Estes dois typos bem como o seguinte não devem se succeder em tres phases distinctas durante os annos do aprendizado; devem se succeder em lapsos curtos de tempo de maneira que, feitos alguns exercicios sobre formas isoladas se passe ao agrupamento dellas e em seguida ao desenho decorativo e ás applicações deste. Isto dará variedade ás lições e por isso mesmo interesse e gosto.

III — desenho decorativo

Fim — Desenvolver o gosto esthetico.

Meio — Cartões rectangulares (varias formas), circulares, fitas, pauzinhos, folhas, flôres, etc.

Preparação — O professor mostrará no quadro-negro um arranjo decorativo qualquer, com cartões, por exemplo, e chamará a attenção da classe para um cartão separado e para o grupo; fará resaltar que o agrupamento, ou combinação, de cartões é mais bonito. Eis alguns exemplos:



Para o exercicio, solicitar:

a) — que a criança accrescente nos pontos marcados alguma peça de sua collecção;

b) — que procure novos lugares para os accrescimos;

c) — que mude o arranjo dos cartões dos exemplos primitivos acima;

d) — que modifique as suas proprias combinações;

Na critica o professor fará suggestões e mostrará as desharmonias quer pela falta de symetria como pela ordem de repetição ou inversão.

Está claro que todas as combinações decorativas serão muito imperfeitas, a principio, aliaz como os primeiros desenhos da criança. O professor, no entanto, não poderá desgostar-se nas primeiras tentativas; é proseguindo tenazmente que poderá conseguir algum bom fructo. E' provavel que consiga nas primeiras aulas algumas combinações felizes; estas poderão ser repetidas no quadro-negro, com satisfacção geral das crianças, ou nos trabalhos escolares.

As proprias crianças poderão applicar côres aos seus cartões augmentando desta sorte a capacidade decorativa de suas collecções. O que for feito com cartões deverá ser feito com folhas, fitas, flores, etc. O exercicio manual do arranjo deverá preceder o desenho. Nos outros annos o professor fará *eschemas decorativos*, suggerindo ás crianças a disposição, a quantidade ou a especie de elementos decorativos. Os eschemas serão para a decoração de frisos ou de fundos (arranjos geometricos ou de phanthasia).

No 2º. 3º. e 4º. annos preliminares

IV — Sobre a copia do natural. Objectos isolados.

Fim — proximo — Dar a noção perspectiva das coisas e o sentimento da proporção.

Fim — remoto — Desenvolver a capacidade de observação.

Meio — Uma serie de objectos em que haja difficuldades crescentes, como por exemplo, a seguinte: (fórma de cubo) uma lata com fecho, um caixote (engradado), um banco de dois pés, um banco de quatro pés, uma mesa tosca, uma cadeira, uma gaiola, etc; (forma do parallelipipedo) uma lata, um caixão, um bahú, um banco, uma bolsa, um livro, um macete, etc.; (forma do cylindro) uma garrafa, uma lata com tampa, um regador, uma marmita, um caldeirão, um carretel, um torrador de café, etc.; (fórma conica) o balde, o coador, a cafeteira, um "abat-jour", um funil, uma tina, um sino, etc.; (fórma espherica) a bola de foot-ball, um tigelão, uma moringa, um bilboquet, etc.; (fórmas complexas) um carrinho, um velocipede, um menino, etc.

Preparação—Uma vez apresentado o modelo, o professor conversará primeiro com a classe sobre a objecto, referindo-se á sua utilidade, á sua construcção e a sua relativa belleza. Em seguida fará a classe descobrir as fórmas caracteristicas do modelo.

A classe entrará depois a desenhar esse modelo e na critica o professor tratará de examinar si o desenho contem ou não as relações observadas em começo. A titulo de critica, o professor poderá fazer, depois de traçadas as imagens pelas crianças, os desenhos correspondentes aos aspectos do modelo para cada uma dellas.

(Estes serão no maximo uns 5 ou 6 conforme a posição relativa de cada observador).

V — Sobre copia do natural. Objectos em conjuncto.

Fim — O mesmo.

Meio — Os objectos anteriormente estudados: o menino com uma bolsa, um balde sobre um caixote, uma bolsa com uma pilha de livros, um regador perto de uma tina com agua, uma menina jogando «bilboquet», um alçapão na gaiola, etc.

Preparação. Conversar sobre o tamanho relativo dos objectos, sobre as alturas apparentes (posição perspectiva), sobre a esthetica do grupo.

Na critica, insistir sobre os dados observados na preparação; fazer varios desenhos no quadro que mostram os typos (4 ou 5) do conjuncto.

Nota. Estes desenhos devem ser rapidos e em linhas geraes.

VI — Para memoria visual. Objectos isolados.

Exercicios:

a) — Desenhar tal modelo visto e estudado anteriormente.

b) — Apresentar um objecto de um determinado modo e escondel-o em seguida.

c) — Desenhar objectos vistos fora da classe.

d) — Observar uma coisa que se move e fixar uma das posições no espaço.

Preparação. Antes de começar o desenho, conversar com as crianças reavivando os caracteres geraes dos objectos de desenho e suas proporções. No caso de falhas, renovar a visão directa.

O mesmo com objectos em conjuncto.

VII — Desenho de composição: modificar os aspectos das coisas. Objectos simples e isolados.

I Exercicio

Posto um objecto á vista das crianças pedir a estas que mostrem desenhando:

a) — como ficaria esse objecto si rodasse em determinada direcção;

b) — como ficaria se estivesse deitado ou em pé (posições contrarias ás em que são vistos ordinariamente);

c) — como ficaria si estivesse acima ou abaixo dos olhos.

II Exercicio

O professor desenhará, em figuras individuaes, as varias partes de um facto ou historieta, sem attender ás proporções ou posições relativas, para o que o professor deverá preparar-se anticipadamente. As crianças farão o arranjo das figuras de modo a formarem sentido e a corresponderem ao facto ou historieta.

III Exercicio

O professor desenhará, uma figura isolada e pedirá ás crianças que a copiem e a ella associem uma ou mais imagens. Exemplos: —*um menino sentado* (sem se ver a cadeira, ou banco, ou mesa; etc. em que se acha); *um menino erguido nas pontas dos pés e de mãos estendidas para cima* (sem se ver o objecto em que trepou e o objecto que quer apanhar); *um boi, um cavallo, um cão,* (sem se ver a portelra, o menino ou o homem, a casa e a estrada, etc., perto dos quaes se acham);

José chora (porque a mãe o castigou ou porque quebrou o seu velocipede ou outra idéa qualquer cujas imagens serão associadas) etc.

IV Exercicio (Livre)

Contar um facto ou historieta e fixar o momento a desenhar, dando ás crianças a iberdade de escolher as imagens e o seu arranjo.

Sobre *a copia de gravuras* — A sua vantagem educativa é pequena. Não terá outro fim que o de dar segurança á mão do joven aprendiz e o de lhe suggerir o modo de processuar um trabalho. Ella não poderá dar á creança *o sentimento da imagem viva*, isto é, aquella imagem que persiste em nossa memoria alterando-se, modificando-se a cada instante e da qual surprehendemos um momento qualquer para estereotypal-o em seguida.

Na exposição do methodo acima não cogitei do tempo de ensino que nos programmas actuaes se limita a 40 minutos no maximo para duas aulas semanaes. Dada a importancia educativa da materia, esse tempo devia ser no minimo de 90 ou 120 minutos, divididos em tres ou quatro aulas semanaes. Desta maneira somente poderia ser proficua a vigilancia do professor aos trabalhos infantís, vigilancia necessaria, não só quanto ao ponto de vista do desenho propriamente dito, como quanto ao ponto de vista da formação do espirito, do psychismo das imagens visuaes e do sentimento que se quer desenvolver, como p. ex. —o patrio.

RAPHAEL FALCO
(Professor de desenho)

O SONHO

A sabedoria divina resumindo a Vida á fugacidade dum relampago, creou na alma humana o sonho bemfazejo da eternidade.

Si a existencia fosse infinita desapparecia no homem a ideia do infinito, que é o sonho.

A vida é um bem, justamente, porque é transitoria e porque brota da Dôr.

Fôra sem termos o viver e sem termos fôra a alegria, e esta mesma alegria, de monotona e experimental, nos conduziria ao tedio, que gera o pessimismo.

Assim, fora eterno o dia, sem noites e crepusculos, e cegar-nos-ia a lampada de ouro do sol.

O sonho, aurea grinalda que veste a fronte loira da Felicidade, é—e sel-o-á sempre—a tortura encantadora dum desejo. A Ventura, temol-a sempre na espiral fugidía duma aspiração.

O cégo ama a luz, mais do que nós a queremos, por isso que a luz é, para elle, um anceio e um desejo e, para nós, não vae além da trivialidade das cousas reaes.

Observemos a arvore. Tem a esperança nas folhas; tem a alegria nas flores; nos fructos, tem o amor... E no circulo do desejo que vae da semente ao fructo, e que vae do fructo á semente, a arvore desata-se em novos e novos sonhos, em no-

vas e novas flôres, em novos e novos ideaes, ás graças da Primavera, annos e annos sem conta, té que o machado impiedoso do lenhador, venha prostral-a, feramente, ou o raio a fulmine em noite de procella

O homem tambem é como a arvore. Na ronda do desejo —a ter o sol e a buscar a chuva; a alcançar a chuva e a implorar o sol—de esperança em esperança, põe elle o céo ao alcance das mãos, no fundo do horizonte; divisa miragens no areal intermino do deserto; encontra ilhas verdejantes na planura glauca do mar; conta com as procellarias, quando o oceano é em tormenta... E assim vae, existencia em fóra, até penetrar o sonho mysterioso, que succede ao occaso da Vida...

A maior das esperanças humanas está na concha suavemente chromatica do céo! Vale dizer que a maior esperança do Homem está no azul cambiante e infinito de um sonho...

Temos comnosco que si Deus creou as estrellas, para as bellezas do céo; que si Deus creou as flores, para o encanto da terra; que si Deus creou a perola, para a poesia do oceano; que si Deus creou a virtude, para a gloria da Mulher; que si Deus creou o sol, para dourar o Mundo; certo, Deus creou o sonho, para illuminar a Vida.

A MOSCA AZUL

(M. Assis)

A realidade pesa muito!

O humilde poleá enleva-se ás transparecencias das azas sedosas da encantadora mosca azul.

O insecto vôa e revôa em cirandas largas que, aos poucos, se vão fechando em giros allucinados...

E a mosca zumbe e rezumbe e giza em gaze azul illusoria espiral...

O escravo de Malabar extasia-se e, transfigurado, sonha:

... E' rei... Assenta-se em aureo throno... A fortuna veste-lhe um manto de pedrarias custosas... Tem pagens e servidores... O palacio é deslumbrante... O amôr o acaricia no aconchego roseo de formas flexiveis de mulheres esculpturaes... O diadema da gloria contorna-lhe a fronte...

E o poleá—a alma em anceios—lésto, atira a mão em concha, em movimento rápido e preciso. Apanha a joia da Felicidade. Julga entre os dedos o infinito do céo!...

Em febre, comprime avaramente o insecto de azas transparentes...

Ao depois, como fugindo aos olhos do mundo, suspensa a respiração, abre a mão, de leve, e examina a mosca azul...

Louco engano!... Tem, entre os dedos a figura nojenta, esphacelada, do insecto asqueroso... Ruinas do castello do Amor e da Ventura...

E o desgraçado poleá ri... ri... alvarmente...

A miseria da realidade fel-o enlouquecer.

***

Atravez do sonho

O sonho creou a arte.

A poesia, na harmonia do verso; a esculptura, na eloquencia do marmore; a musica, no arco-iris do som; a pintura, na orchestração das cores; Tasso glorificando Eleonora; Miguel Angelo arrancando ao seio da pedra, o Moysés das éras primeiras; Da Vinci, eternisando a fugacidade dum sorriso, nos labios mysteriosos da Monna Lisa; Bethoven pondo a alma no rosario de perolas do teclado... Tudo tem sido obra do Sonho!...

Mas, o Sonho ha sido ainda um dos esteios á Sciencia!

Que fôra da Geometria, nascida ás margens do Nilo, e aperfeiçoada ás orlas do Mar Jonio, sem o sonho do ponto geometrico?

Que fôra da Algebra, a sciencia das equações, sem o sonho do infinito positivo e do infinito negativo?

Que fôra da Physica, a sciencia experimental, por excellencia, sem o sonho do Ether?

Que fôra da Chimica, a sciencia das pesquizas e das combinações, sem o sonho do átomo?

Da Historia, que fôra, sem o sonho das tradições, sem a visão encantadora das lendas?

A Sciencia, que é o anceio da Verdade, assenta-se na suavidade do Sonho!

O Artista é sonhador e é sonhador o Sabio...

Sonhador sublime, portanto, o Divino Estheta, que «vasa os olhos dagua; pica as arterias da terra; o liz fabrica; e da materia sonda o fundo ovario; e pinta as rosas de branco e de vermelho; e faz das azas vis do escaravelho a surpreza do mundo planetario.»

Sonhador sublime o Suave Artista, que cinzelou a Victoria-Regia na lamina de prata do Amazonas; que resumiu o céo nas pétalas da myosotis; que doirou as aguas do Pactolo; que extendeu um véo de crépe no leito do Rio Negro; que vestiu de rosas, o sorriso da madrugada; que esmaltou de ouro a fronte scismadora da noite...

Sonhador sublime o Eterno Sabio, que equilibra o Universo; que, no seio da terra, gera os metaes; que, no laboratorio

das minas, transmuda o carvão em diamante; que na officina do oceano, trabalha a perola e coral; e que faz germinar a Vida do mysterio dum Sonho...

Sonhador sublime—finalmente—Deus!...

O SONHO DA ROSA

Eis aqui, um dos encantadores symbolos do Sonho!

E' a rosa—a soberana das flores.

Observemol-a na graça de seu sorriso, de passagem pela vida.

Foi botão. Corou numa destas ultimas manhãs de Maio. Recebeu o orvalho do céo e as bençams do sól e, finalmente, descerrou o conjuncto de petalas e tornou-se flôr.

Desta joia, desprendeu-se o perfume, que é o Sonho.

E o perfume ganhou, a principio, a roseira toda; envolveu, ao depois, todo o jardim, e ascendeu, em ondas suaves, em busca do infinito.

As abelhas, azas de ouro, zumbido confuso, em busca do Sonho pelo qual sacrificam a vida, em cirandas leves, já em volteios apressados, agora em gyros doidos, acercam-se da rosa... O colibri, que é uma illusão em vôo, vibrando as azas, busca-lhe a corolla de velludo... As moças desejam-na pela gloriosa belleza das petalas de setim... A propria Sciencia cobiça-a pela fragancia de seu aroma...

Horas aligeras passam.

E a flor, arrebatada á rama, vae em agonia risonha emprestar a sua formosura e a sua graça aos salões em festa, aos altares, em gloria, aos tumulos em lagrimas.

Ao depois, torna-se em pó. As ruinas de suas pétalas rolam, ao sabor do vento...

...A rosa passará; mas, o seu aroma, que é a sua alma e que é um sonho, ha de viver ainda.

E' mel—e nutrirá uma população de abelhas; é perfume—e ha de encantar a elegancia nos salões; é essencia—e ha de ser a medicina, e ha de curar enfermos e ha de parar soffrimentos...

Rosa feliz, que, após um segundo de vida, consegue legar ao mundo a immensidade dum Sonho!...

O SONHO DE COLOMBO

A Humanidade, após uma noite de trevas e agonias, acordou num diluculo de esperanças. Era a Renascença. E ao es-

plendor dessa madrugada, de luz, no Velho Continente, um sonhador, fronte nevada pelos annos, sáe de povoado em povoado, de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, offerecendo aos principes da Europa «um mundo por um navio».

Genova e Florença o repudiam. Portugal volta-lhe as costas. E na Hespanha, a piedade de uma mulher, põe-lhe ao dispor, tres naves insignificantes, tripuladas pela ultima ralé de Castella.

E o sonhador fende os mares, em ancia de um novo mundo! E a caravella do sonho vence o gargalhar satanico de Neptuno, como um sorriso de Cleopatra vencera, outr'ora, as armas de Roma.

E em manhã de ouro e luz, uma nova-terra se desnuda ás vistas do genovez. Era a America, no esplendor tropical de sua belleza selvagem!

E Colombo, após legar á Humanidade, um oceano de riquezas, vae morrer, em miseria, no deserto do esquecimento, num catre do Hospital.

E' a rosa que se desfolhou ao ríspido sopro da ingratidão humana, mas cujo sonho é este continente immenso, que encerra nos dias actuaes, uma das mais brilhantes civilisações do orbe!

BRASIL TERRA DOS SONHOS

E quiz a nossa boa estrella que o Brasil surgisse do seio formoso do Novo Mundo. Filho do Continente do Sonho, o Brasil é, por excellencia, a terra do Sonho.

Sinão vejamos.

O SONHO DO OURO

Do porto de Araritaguaba, pirogas aproadas para o desconhecido, em bizarro alvoroço de remos e de lagrimas, de preces e de despedidas, rodava a «bandeira», erriçando a crina argentea ao legendario Tietê.

Era a caravana do sonho.

E na seducção febril de riquezas e de glorias, o Bandeirante, o semeiador da Patria, vencia sertão impervio, erguendo colmados, distribuindo aldeias, plantando cidades.

Jaguar atrevido—aqui, descia ás furnas, e sondava as luras, e do fundo das grutas, vencidos mil obstaculos, colhia a mancheias, diamantes e esmeraldas—sorrisos e esperanças!

Além—condor impávido,—escalava montanhas, vingava píncaculos, ganhava a culminancia aos Andes e desnudava—heroico —o manto que envolvia a civilisação!

Annos, lustros, seculos são decorridos! E as cinzas dessa geração de valentes, branqueia-as, ainda, o luar piedoso da Patria, quando a geito duma prece de amor, duma bençam do céo, duma graça do Cruzeiro, se desata por sobre todos os angulos deste solo immenso!

O Bandeirante passou, que tudo passa sobre a terra... Mas o sonho, que o fez forte ainda esplende e palpita, como brilham as estrellas no céo!

Que o diga Matto-Grosso, nas asperezas dos seus sertões! Que o diga Goyaz, o coração do Brasil! Que o diga o Amazonas, o seio do rio-mar, e o reino das florestas! Que o diga Minas, a terra da opulencia e o sólo da liberdade! Que o diga, enfim, a Patria, pela virtude peregrina de suas filhas e pelo caracter impolluto de seus homens.

O SONHO DO AZUL

Ao tempo que essa phalange de sertanistas audazes rasgava o seio do paiz, no empenho de alargar, ao oeste, as terras da patria, um genio paulista, sonhava com a conquista do azul!

"Vôar! varrer o céo com azas
poderosas;
Sobre as nuvens correr o mar
das nebulosas.
Os continentes de ouro e fogo
da amplidão!...

Era o glorioso paulista, o insigne Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Depois de largos annos de experiencias novo Colombo a sonhar com o mundô do Infinito, levando de vencida toda a especie de obices e de escolhos, conseguiu o Padre Gusmão o primeiro vôo com o seu aeróstato—"passarola"—no pateo da casa da India, em Lisbôa, em 1709, em presença de El-Rei, seguido de sua corte e de enorme massa popular.

Esse balão foi o primero que a humanidade conheceu!

Ao notavel sacerdote paulista coube a primazia de desvendar ao mundo scientifico os mysterios da aviação.

Batido pela procella da ignorancia contra os arrecifes da

inveja, Bartholomeu Lourenço de Gusmão deixa Portugal e se acolhe á Hespanha.

E' em Toledo, afastado da Patria, na cella merencoria dum convento, no silencio da noite, morreu miseravelmente o Padre Voador!

Todavia, não expirou em abandono, por isso que o Azul com o qual tanto sonhara, pelas frestas da janella, velou-o na agonia e envólveu-o em piedosa mortalha de prata, tecida pelo luar...

Desappareceu o Voador...

Mas o sonho esplende ainda...

Um seculo mais tarde, do vertice das serranias de Minas, nova aguia sonha com o infinito dos ares. E num surto audacioso pasma a multidão de Paris e maravilha o mundo scientifico da Europa. E' Alberto Santos Dumont.

E, em nossos dias, um outro bandeirante perde-se no Azul, aprôa para o Ideal e leva nos remos duma piroga aerea, o beijo de fraternidade do Gigante, que dorme no regaço de esmeralda da Guanabara soberba, á formosa Rainha, que sonha, além margens do Prata magestoso. E' Edú Chaves, legitimo orgulho do sólo paulista!

E é seguindo o rastro luminoso desses heroes do Azul, que Portugal—grande no Sonho, porque é grande pelos Luziadas—Pompeia, que resurge nas cinzas do Vesuvio se ergue das ruinas dos seculos e, com nobreza e audacia, realisa feitos maiores que os do tempo dos Gamas. Aguia maravilhosa—espalma as azas na immensidade; sóbe e sóbe mais; perde se no Azul; corta o espaço infinito; zomba do Oceano; luta com as procellas; bate-se com as ondas; encara a morte, frente a frente; vence as furias de Neptuno; sacode o Planeta, de pólo a pólo; e inscreve no livro das conquistas humanas, a maior, a mais bella, a mais extraordinaria epopéa do Seculo!...

O SONHO DO SERINGUEIRO

Castigado pelas inclemencias de um clima ardente, o sertanejo nortista é, sobretudo, um forte.

Outr' ora, era o bandeirante destimido, que deixava a aldeia natal e a familia para se internar pelo sertão impervio, na ancia de arrancar do coração da terra, o ouro que o fascinava.

Hoje, é o nortista que se emmaranha pelo seio mysterioso da floresta amazonica —o reino dos seringaes.

A sêcca implacavel abre as azas de fogo sobre a pequena lavoura do caboclo.

A miseria o açoita. Elle desespera-se.
Em meio ás atrocidades da tormenta, uma ultima esperança o reanima: atirar-se ás regiões da borracha.
Abraça a mulher; beija os filhinhos, diz um adeus á cabana; volve um derradeiro olhar ao gado emmagrecido...
Parte...

* * *

E' noite.
O rio-gigante dorme. Como uma chuva de sonhos, derrama-se-lhe no amplo dorso o beijo das estrellas.
A piroga fragil deslisa, erriçando levemente as aguas e abrindo uma restea de prata.
O aventureiro descança os remos.
Scisma. Imprimem-se-lhe n'alma os desvelos da companheira e as graças dos filhinhos...
De subito, como acordando de um somno profundo, retoma o governo da canôa. Rema com força.
Retempera-se; encoraja-se; pulsa-lhe o coração com alento; leva avante a jornada!
O soberbo Amazonas, abre-se em mil braços por entre o verde carregado das mattas. São as mil estradas que vão ter á patria esperançosa do Sonho.
O nortista toma por um dos desvios do rio.
Empunha a foice; ageita o facão á cintura; desaba o chapeu; soluça uma trova saudosa; prosegue na derrota...
Aqui, destrança o cipóal; alli, rasga o varadouro; além, lucta com o reptil; mais adeante, vence o igarapê; e, finalmente, descobre o vegetal precioso, a arvore da borracha, a decantada seringueira.
Depõe a pequenina tigela no enrugado tronco. Descarrega o golpe da machadinha.
O leite jorra. E' a via lactea da riqueza.
A ambição cega-o.
Alli mesmo improvisa a choça; alli mesmo dependura a rede; alli mesmo prepara a refeição; alli mesmo estabelece o pouso.
Não o amedronta a sucuriúba enorme que se enrodilha nos troncos anciãos. Não o assusta o grito rispido da jacamim. Não o apavoroa o rugido do jaguar furioso. Contra o indio bravio, pesa-lhe ao lado a carabina.

* * *

A noite extende o negro capuz sobre a floresta.
O aventureiro esquece no somno os labores do dia...
Mais hypocrita que Judas, mais traiçoeiro que o polvo, o

mosquito que se ergueu das gangrenas do charco, simulando uma caricia, põe-lhe no corpo uma picada leve.

E' o beijo da febre. E' o ósculo da morte.

* * *

Transcorrem dias.

A manhã acorda. O céo sorri. Palpita a floresta. Rumorejam ninhos. A passarada canta. Soluça o rio. O seringueiro delira.

A seus olhos rasgadamente abertos, o incendio da febre pinta as seducções da riqueza. Para onde quer que volva o olhar, encontra ouro... ouro... só ouro...

A luz do sol, que mal se côa pelos crivos da floresta é ouro que chove do céo! A inflorescencia loura que reveste o ipê gracioso—é ouro que se incrusta na juba do arvoredo!...

—Mais tarde, serena. Passeia-lhe no corpo um frio intenso. O suor lava-lhe o rosto, empasta-lhe as melenas.

Abatido, sem forças, respirando a custo, o caboclo recorda o passado; a mulher, os filhos, a cabana, o gado...

O sol, agora, agonisa no poente, e com elle agonisa o sertanejo.

Cae a religiosidade do crepusculo. O moribundo arqueja, estorce-se... desprende um ultimo soluço...

Morre...

* * *

Sobre o corpo do seringueiro, na attitude dolorosa de viuvas desgrenhadas, as arvores, que elle golpeou, derramam a cabelleira verde-escura. E das multiplas feridas de seus troncos, qual de olhos humanos, escorrem, ainda, lagrimas de prata...

O SONHO DO POETA-HERÓE

Uma criminosa indolencia entorpecia o Brasil implantando a desídia no animo dos brasileiros e gerando o scepticismo no espirito da mocidade patricia.

Definhava-se o civismo. A Patria tendia para o esphacelamento. O Patriotismo estagnara-se.

Tudo quanto se não move e agita — é morto. E o que é morto — putrefaz-se.

A agua, que corre, é elemento de vida, de força, de enthusiasmo, de progresso. A agua, que dorme, gera a peste e semeia o mal.

A gymnastica robustece e anima o individuo. A paralysia é a invalidez e a morte.

Em seu continuo girar, dá-nos a Terra a noite e o dia, que são o descanço e o trabalho, que são a ordem e o progresso.

Fôra immovel o planeta e a vida seria impossivel.

A palavra vehemente do Sonhador da Patria, do cavalleiro andante da Energia e do Bello, sacudiu o Brasil de Norte a Sul. E o sentimento patrio, foi-se, em breve, renascendo, á feição das elevadas montanhas, que, ás rosas da alvorada, se vão levantando da densa escuridão.

Riscou o espaço, como um fogo celeste, a palavra do principe dos poetas e a mocidade sonhou com uma Patria nova.

Reconheceu na espada — a força; na farda — a nobreza! Compreendeu que ao militar só assiste um direito: — morrer.

O civismo avigorou-se no caracter dos moços.

As fileiras do exercito accorreram voluntarios; linhas de Tiro surgiram de todos os lados; o escotismo tornou-se florescente; o sorteio militar transformou-se em realidade; batalhões fundaram-se em todas as escolas e academias e, deste modo, a juventude brasileira levantou muralhas para a defeza do Brasil.

Mas, como a rosa que murcha, Bilac desappareceu no occaso do tumulo. Todavia, o sonho do Civismo ha de florir, eternamente, sob as graças da cruz que scintilla no céo!

O sonho do poeta—heroe ha de para sempre esplender, não só nas refulgencias dos seus versos, como sob o uniforme de nossos jovens escoteiros;não só ha de refulgir no "Caçador de Esmeraldas," mas tambem na bluza dos nossos irmãos soldados; não só ha de scintillar na suavidade da "Via-Lactea," mas tambem atravéz dos galões dos officiaes de nosso exercito; não só ha de rebrilhar no carro em fogo da "Tarde", mas, sob o tecto da caserna, ou entre as quatro paredes da Escola onde o professor é a synthese do futuro auri-

MELLO AYRES

DESENHO E LINGUAGEM

Para a boa e facil comprehensão do que vamos dizer a proposito do ensino do desenho é necessario reportar-nos á linguagem escripta, cujo ensino tem produzido abundantes e excellentes fructos nas escolas do districto a nosso cargo. Trata-se é bem de ver, do ensino feito ás creanças do primeiro anno primario, áquellas, pois, que entram para a escola em estado de completa analphabetisação. É justamente para estas que o ensino deve ser ministrado pelos meios mais sadios preconisados pela pedagogia; e é por isso mesmo que elle é o mais difficil, exigindo do professor muita arte, muita pericia, uma grande dose de paciencia, boa vontade e esforço—e tudo isto acompanhado de uma queda accentuada para as cousas do magisterio, uma especie de intuição divinatoria que torna proficuos todos os esforços, por minimos que elles pareçam ser.

PRIMEIRA PARTE

LINGUAGEM ESCRIPTA

As instrucções ministradas aos professores do nosso districto a respeito desta disciplina, além de outras relativas ao preparo, execução e correção de trabalho effectuado pelos alumnos, são as seguintes com respeito ao PROGRAMMA DA

MATERIA A ENSINAR: 1º Passo; — COPIAR SENTENÇAS. (Copia de sentenças da lição de leitura, copia da data do dia ou do proprio nome).

Este passo, que está em correspondencia com o primeiro da 1ª. phase da leitura pelo methodo analytico durante o qual os alumnos lêm as proprias sentenças escriptas no quadro-negro pelo professor, inicia-se logo no principio da vida escolar do pequeno estudante. O alumno, que acompanha a escripta das palavras no quadro pelo professor que as vae pronunciando uma a uma, procura copial-as depois no caderno de linguagem. Os primeiros trabalhos são uma serie de traços sem significação, uma porção de figuras hioroglyphicas que põe o desanimo na alma incredula do professor inexperiente. Dia, a dia, porem, o trabalho constante vae produzindo fructos cada vez mais saborosos. O instincto de imitação requinta-se, pouco a pouco. E os olhos do professor illuminam-se cada dia de novas surprezas... E' que a mão inhabil da creança affeiçoa-se paulatinamente ao lapis amigo e aos movimentos proprios do traçado das letras, movimentos cuja acquisição o professor procura facilitar-lhe, obrigando-a a fazer todos os dias a gymnastica dos dedos e do pulso. Durante dois a tres mezes a classe preoccupa-se diariamente com este trabalho de pura imitação não só nas aulas de linguagem escripta como em algumas das horas de "occupação". Nas primeiras ella soffre a fiscalisação directa do professor que lhe corrige a posição viciada do corpo, do papel e do lapis e a orienta nos movimentos dos mãos ao traçar as letras. Assim como com o succeder das lições de leitura, os alumnos vão dominando palavras á meidda que lêm sentenças, do mesmo modo, emquanto as copiam, elles conseguem tambem o dominio graghico de uma serie de palavras, a começar pelas de sua predilecção, por aquellas que por uma circumstancia qualquer (um traço, um pingo, um talho) cahem no dominio de sua sympathia. Desde que a secção saiba copiar sentenças o professor a leva ao 2º passo.

2º passo: — COMPLETAR SENTENÇAS

Este passo, como o seguinte, corresponde ao 2º. da 1ª. phase de leitura, em que a secção lê sentenças escriptas silenciosamente no quadro-negro pelo professor com palavras usadas nas lições anteriores. E' um passo um pouco mais difficil, que exige um esforço maior da parte do alumno, o professor começa a por á prova de capacidade infantil. Até aqui a creança imitou á vista de um modelo; de ora diante, ella terá de escrever de memoria uma parcella da sentença. O professor in-

telligente que conhece o velho aphorismo de Pestallozzi (UMA DIFFICULDADE DE CADA VEZ), não exige muito de seu esforço vacillante. Começa supprimindo apenas uma palavra, ora no começo, ora no fim, ora no meio das sentenças que traça no quadro negro, para que as copiem as creança no papel, completando-as convenientemente. Mais tarde, á medida que cresça o numero de palavras cuja graphia esteja dominada (o que se dá com a continuação dos exercicios de copia alternados com os do presente passo), podem ser supprimidas duas, tres ou mais palavras da sentença. A sabedoria infantil conseguirá vencer estas novas difficuldades, preenchendo os claros existentes nos modelos do quadro-negro. Mais trinta dias nestes exercicios e eil-a, a secção capaz de penetrar desassombradamente nos dominios do 3º passo.

3.º Passo: — FORMAR SENTENÇAS COM PALAVRAS CONHECIDAS

Os exercicios deste passo correspondem como dissemos, ao segundo da phase da sentenciação, em cuja vigencia os alumnos fazem aquillo que o programma official chama de *retrospectos*, durante os quaes o alumno é convidado a ler sentenças sem nenhum auxilio do professor. São sentenças que este escreve silenciosamente com palavras muitas vezes repetidas nas primeiras lições. O professor intelligente fez surgir muito da industria, nas sentenças primitivas, um certo grupo de palavras que convem sejam dominadas em primeiro logar. Taes palavras por a terem os alumnos visto innumeras vezes no quadro negro, deixam indelevelmente cravada na retina infantil a sua imagem graphica. Do mesmo modo, por que a tenham escripto innumeras vezes, elles saberão traçal-as agora independente do modelo, como, aliás, deram sobejas provas ao fazer os exercicios da 2.ª série. Vae o professor, então, e escreve no quadro, em columna, tres ou quatro ou cinco palavras conhecidas, determinando aos alumnos que com ellas construam sentenças á vontade propria. E', como se vê, mais um passo para adeante, e passo largo e ousado para quem a quatro mezes atraz sabia apenas traçar, com mão canhestra, feias garatujas, fazer traços irregulares e inexpressivos na branca e compassiva pagina do caderno de linguagem. O professor no aprendizado se accentua, e eis que a alma do professor novel até então pessimista e incredula, se illumina da alvorada de novas esperanças, começando elle a crer, a confiar mais nas proprias forças de cultivador espiritual. A messe desponta verdejante, promettendo uma colheita enriquecida.

4.º Passo: — DICTADO DE SENTENÇAS

E' esta agora a situação da classe:

Em leitura foi ultrapassada já a phase demorada e difficil da sentenciação. Dominadas 30 ou 40 palavras por todos os alumnos da secção, o professor conduziu-os afoitadamente para os dominios da palavração. Eil-os agora aprendendo que cada palavra se compõe de syllabas, assim como tinham já alcançado, ao fazerem a analyse mental das sentenças primitivas, que cada uma dellas se compõe de palavras. E' o primeiro passo da segunda phase, durante cuja vigencia o professor prepara o alumno para penetrar de fronte erguida e olhos intelligentes nos arraiaes sagrados do 2.º passo que consiste na classificação de palavras pela syllaba inicial. Eu escrevi "arraiaes sagrados", porque é realmente este o passo mais importante, o passo por excellencia, a alma-mater do ensino de leitura. A creança que lhe transpõe todos os tropeços e aprende, por seu intermedio, a ler todas as syllabas, é capaz de ler palavras, quaesquer que sejam ellas, todas as que lhe forem apresentadas. E como os retrospectos se succedem sempre no final de todas as lições para enraizar no cerebro infantil esta verdade, qual seja a de que só a sentença tem valor real como unidade do pensamento, eis que a classe de analphabetos matriculados no inicio do anno escolar, é hoje capaz de ler as simples mas interessantes historietas que o professor para gaudio seu, lhe offerece á curiosidade, traçada em bello cursivo, no quadro negro. Não é ainda o triumpho final; mas elles já sentem na bocca o resaibo da victoria.

Mais alguns dias de demora no 3.º passo, e a classe vae penetrar no quarto com immensa alegria, com indizivel contentamento porque lá a espera um presente ha muito promettido e desde muito anciosamente esperado: a CARTILHA, o primeiro livro! O livro amigo, cheio de figuras bonitas, repleto de historias interessantes! E' um dia de festas o de sua entrega. A escola se engalana de flores e folhagens. A creançada apresenta-se garrida nos seus factos novos de brim ou algodão que a mãezinha lhe talhou como presente de festas naquelle dia feliz. Ha gente extranha na sala da escola: são os paes dos alumnos convidados pelo professor para assistirem áquelle acto solemne. O proprio Delegado do Ensino e o Inspector do Districto lá estão tambem, compartilhando na alegria geral. E no ambiente da sala, onde ainda palpitam as ultimas notas do cantico escolar que a petizada entoou enthusiastica, ouve-se a voz amiga do professor determinando aos heroes do dia que abram o seu livro de leitura. Constata-se então, com o espanto de todos os assistentes, este milagre assombroso: o menino abre pela pri-

meira vez o livro e lê correntemente, com a expresão precisa, as suas primeiras lições! Abandonemos, porem, embora com pesar esta boa digressão pelo dominio da leitura, e retornemos á linguagem escripta.

E' bem de ver que durante as lições ministradas no 1.º, 2.º, 3.º e 4.º passos da 2.ª phase da leitura, foi avultando o numero de palavras conhecidas das creanças. Ellas já as sabem ler. Saberão, porem, escrevel-as todas correctamente? Algumas sim, outras não. Ha palavras de letras dobradas, ha as que contém grupos consonantaes complicados, outras ainda de differentes especies, todas de graphia difficil. E' de todo em todo necessario uma verificação, que habilite o professor a libertar os alumnos por meio de exercicios de copia dos erros que costumam praticar na graphia de certas palavras. E' este o momento opportuno para entrar em scena o dictado, nova especie de exercicio escripto, o 4.º da série que até então vêm os alumnos fazendo diariamente, alternados por paginas do caderno. O dictado feito com este objectivo, chamemo-lo de *dictado commum*, porque ha outro ainda especial, tambem muito util, que tem por objectivo ensinar o emprego das letras maiusculas e signaes de pontuação.

5.º Passo: — MODIFICAR SENTENÇAS

Durante o 4.º passo da 2.ª phase o professor alterna as lições da cartilha com as do quadro-negro, fazendo nestas a classificação de palavras segundo as flexões do genero, numero, gráo, modo, etc. São as primeiras noções de grammatica que o alumno recebe no tirocinio escolar; grammatica empirica, intuitiva é verdade, mas é a grammatica surgindo no tempo opportuno e ministrada do modo por que ella deve ser na realidade ensinada: praticamente, sem a crassa tolice das regras que a creança não é capaz de alcançar. Este exercicio acarreta a necessidade de se dar aos alumnos uma nova série de exercicios escriptos de que o programma official é infelizmente falho. E' preciso que elles aprendam a modificar as sentenças escriptas no quadro-negro quer sob o ponto de vista do genero, numero e gráo das suas palavras variaveis, como debaixo do aspecto do modo e tempo de seus verbos.

E' inutil insistir sobre as vantagens decorrentes desta nova especie de exercicio de linguagem escripta. Basta dizer, em resumo, que por meio delles, o alumno consolida as primeiras e necessarias noções de concordancia do adjectivo com o substantivo e do verbo com o sujeito. Não é preciso dizer mais para provar a imperiosa necessidade de uma inclusão no programma official.

6.º Passo: — AMPLIAR SENTENÇAS

Não existe tambem no programma do governo esta especie de exercicios. Não existe, mas a experiencia nos aconselha que ella precisa ser adoptada. Aliás, é este o conselho de Mercante e outros pedagogistas de merito.

O alumno já é capaz de construir sentenças, mas sentenças curtas, formadas de poucas palavras. Urge que lhe alarguemos o folego. A ave já emplumada, enamora o azul dilatado do ceu e deseja voar espaço fóra. Consintamos que ella voe. Seria descaridade prendel-a, quando suas azas já ostentam remigios fortes, capazes de longos passeios pelo alto. Eis aqui como illustração o exemplo classico de Mercante, transcripto de sua "Methodologia" tomo 2.º

Ponto de partida: — Mercedes come.

Ampliações: — 1 Mercedes come fructa.

2 — Mercedes come fructa da laranjeira.

3 — Mercedes que é uma menina de doze annos, branca, loura, esbelta, come a doce fructa da laranjeira.

4 — Mercedes que é uma menina de doze annos branca, loura, esbelta, sympathica, mas um tanto vaidosa, come a doce fructa da laranjeira, sem permissão de seus paes.

7.º Passo: — DESCRIPÇÕES DE OBJECTOS E GRAVURAS

Chegando a esta série de exercicios, attinge o alumno o ponto culminante do seu preparo de primeiro annista, em linguagem escripta. As sentenças coordenadas representam o coroamento da obra fecunda do professor. E' a cupula desse edificio que elle veiu construindo com paciencia e proficiencia, desde o primeiro dia de aula. Já pode agora a creança exprimir, no trabalho integral de toda uma pagina, as impressões que lhe ferem o cerebro emocionado á vista de um objecto ou gravura. Aqui, como nos passos anteriores, não pode ella ser desamparada do professor que a orienta na execução do trabalho. E assim como os outros exercicios provieram todos das lições de leitura, as descripções provirão agora das lições de linguagem oral, nas ques os alumnos fazem, guiados pelo mestre, observações precisas e methodicas de gravuras, de objectos presentes e outros ausentes mas conhecidos Estas lições de linguagem oral são verdadeiras lições de cousas, cujo melhor padrão o professor encontra nesse volume precioso da Calkins que o espirito scintillante e patriotico de Ruy Barbosa traduziu

para uso e goso das escolas brasileiras. Compulsem os meus collegas essa obra de valor, manuseiem tambem o "Livro de Composição" de Bilac e Bomfim, para impedir que as descripções dos seus alumnos sejam apenas uma série de sentenças disparatadas, um amontoado de ennumerações monotonas e intoleraveis, em que se não vislumbra o mais tenue raio luminoso da suprema belleza da arte immortal.

. . . . . .

Ficam ahi, nas paginas anteriores traçadas ás pressas, os passos que deve seguir o ensino de linguagem escripta numa classe de analphabetos. Feito de accordo com a marcha delineada, o professor conseguirá delle — posso garantil-o — os melhores e mais compensadores resultados. Têm-no conseguido todos os professores do meu districto, bem entendido, todos os que obedientes aos conselhos do seu inspector seguem á risca o programma, e não se limitam apenas — como desejam fazer alguns — a aborrecer os alumnos com continuas e fastidiosas copias e dictados, unicos trabalhos compativeis com a sua myopia intellectual ou preguiça de ensinar.

Procurei nas paginas anteriores resaltar o parallelismo que guardam entre si os dois ensinos, da linguagem escripta e da leitura e o fiz muito propositalmente para impedir um mal observado em algumas escolas, qual seja o desequilibrio existente entre o preparo da leitura e da escripta. Conheço alumnos que, lendo já no 1.o livro, não sabem ainda modificar, ampliar ou coordenar sentenças. E' uma falha grave que é preciso cortar, custe o que custar.

Resaltei, tambem, a estreita affinidade que a linguagem oral tem com a linguagem escripta e a leitura. São tres materias irmãs que caminham estreitamente unidas, devendo todas ellas, merecer com igual intensidade, a attenção do professor dedicado. São materias importantissimas, disciplinas basicas, fundamentaes, porque ellas se transformam para o enducando em preciosos instrumentos de acquisição de outros conhecimentos essenciaes á vida.

SEGUNDA PARTE

DESENHO

Ficam bem aqui, succedendo ás notas anteriores relativas á linguagem escripta, as breves considerações que pretendo fazer em torno dest'outra importantissima materia do programma. Desenho e linguagem escripta são irmãos gemeos, que visam o mesmo objectivo, qual o de autorgar ao alumno a possibilidade de externar os seus pensamentos, de communicar as

suas impressões, um por meio de palavras escriptas e outro, por intermedio de gravuras. De facto, eis o que preconisa o programma official; "Os assumptos escolhidos para desenho serão tirados da vida local, exprimindo sempre um facto quotidiano; a successão das estações, a vida agricola, pastoril ou industrial, os differentes aspectos da vida domestica da localidade, serão um manancial inexgottavel de motivos que as creanças gostarão de reproduzir pelo desenho". O que ahi está poderia ser escripto tambem *mutatis mutandis* a respeito da linguagem escripta. Nem outra cousa fazem as creanças, nas suas descripções, do que traduzir as impressões do meio ambiente, aquellas que lhe penetram até o cerebro pelas janellas abertas dos sentidos.

Quem como eu vive em contacto com dezenas e dezenas de classes e escolas publicas, sente-se desolado deante do seguinte facto constatado diariamente: Emquanto os alumnos mostram-se capazes de bem preparar um trabalho escripto de linguagem, elles chegam até o fim do seu primeiro anno de escola sem apresentar um bom trabalho de desenho. O que apresentam ao nosso exame é — em geral — um amontuado de gravuras inexpressivas, algumas até absurdas, em que não se observa nem o senso das proporções nem se vislumbra a minima noção de prespectiva. Esse é o mal e não se faz mistér grande sagacidade de espirito para descobrir-lhe a origem, que é incontestavelmente a falta de methodo no ensino do desenho. A dura verdade é a seguinte: O professorado primario paulista não sabe ensinar desenho. Não sabe e é preciso aprendel-o para satisfação de nossos brios de pioneiros do ensino no Brasil.

As considerações seguintes são uma contribuição modesta para o alcance deste grande objectivo.

Faço-as, sem vaidade nem pretenção inconfessavel, no só intuito de beneficiar o ensino publico, submettendo-as á apreciação dos que entendem "de verdade" destas cousas da instrucção preliminar, que são mais sérias e mais difficeis do que parecem á primeira vista.

Foi um dia, quando em viagem por estrada de rodagem a uma das escolas deste municipio, que eu fiz a mim proprio estas perguntas: "Si ha homogeneidade de objectivos da linguagem escripta e no desenho, porque não deve haver tambem, paridade no ensino de ambas as disciplinas?" "Porque não deverão ser seguidos no desenho os mesmos ou quasi os mesmos passos observados no ensino da linguagem escripta?" Estas interrogações envolvem um problema capital, qual seja a systematisação das aulas de desenho, problema cuja solução seria de um valor inestimavel, constituiria uma verdadeira con-

quista nos dominios da methodologia pedagogica. Ter-me-ei approximado da verdade? E' o que pergunto aos competentes, submettendo á sua apreciação o seguinte

PLANO PARA O ENSINO DE DESENHO NO CURSO PRIMARIO

1.º Passo: —REPRODUCÇÃO DE DESENHOS

O alumno reproduz os desenhos que o professor traça no quadro. São desenhos faceis e ligeiros, representando scenas da vida escolar, aspectos da vida domestica, industrial, pastoril ou agricola da localidade. Estes trabalhos têm um objectivo: fornecer as creanças elementos para desenhos proprios posteriores.

Algumas das proprias sentenças das lições de leitura podem suggerir assumptos para o trabalho do professor. Eis aqui algumas:

1—Maria tem uma flor na mão.
2—Luiz toca o seu arco na estrada.
3—A bola está sobre a mesa da professora.
4—Vejo o gatinho brincando com a bola.
5—Luiz e Maria vão para a escola.
6—A cadeira da professora está junto da mesa.
7—A enxada está encostada á parede.
8—Está fechada a porteira da estrada.
9—Corre veloz o trem por seu leito de ferro.
10—Gostas da boneca, Maria?
11—Como é linda a flor que está no vaso!
12—Vejo o pavilhão á frente da escola.
13—O pae de Luiz colhe café no cafezal.

Estas e outras sentenças congeneres, escolhidas a dedo devem encerrar uma scena *viva* e *vibrante*, no espirito do alumno antes de serem aproveitadas pelo professor no quadro. Para o alcance deste objectivo seria de bom conselho se puzessem as creanças em presença da realidade, o que muitas vezes é possivel e facilmente viavel. Exemplo: — Collocada uma bola sobre uma mesa ou uma flor no vaso, e encostada a enxada á parede—far-se-ia a apresentação viva e real dos assumptos contidos pelas sentenças anteriores 3, 7 e 11.

Outra recommendação: — O assumpto a desenhar não deve ser imposto dogmaticamente. O professor que é o que deve ser — uma creatura sagaz, habil e inteligente que lê na alma do alumno como um livro aberto — encontra sempre meios

habeis, descobre sempre artificios suggestivos por intermedio dos quaes leva a creança a desejar, a querer gostosamente traçar esta ou aquella scena, quasi *sponte sua*.

Não quero tambem, por vir muito a proposito, deixar de consignar aqui um conselho tirado de Bomfim, conselho que eu incançavelmente peço aos meus collegas do districto sempre tenham em consideração nas aulas de linguagem escripta. Eil-o: "E' mais facil, bem mais facil evitar o erro do que corrigil-o, e impedir que elle se reproduza". Este aphorismo encerra, na simplicidade de seus termos, uma verdade pedagogica eternamente triumphante. Guiado por sua luz, deve o professor, ao construir o seu desenho, ir chamando simultaneamente a attenção dos alumnos para todas as difficuldades de prespectiva, proporção, tamanho, distancia, e outras que possam acaso enfrental-os depois, á hora da execusão do trabalho. Depois destes cuidados, pode ser, até, apagado o desenho feito no quadro negro. O alumno recebeu já um boa somma de conselhos utilissimos. Tolerar porém que a creança inicie o aprendizado da materia "como *souber* e como *puder*", alheio a qualquer suggestão orientadora—não é aprender nem ensinar desenho. E', ao contrario, consentir criminosamente na fixação no espirito infantil de uma infinidade de erros de visão e erros de technica, alguns dos quaes—por mal delles e remorso do professor—perdurarão para todo o sempre. "Aprender — disse-o um notavel mestre de pedagogia—quer dizer: habituar-se a acertar; ensinar é guiar para a verdade e para a exactidão. Todo o exercicio escolar tem por fim levar a creança a servir-se de uns tantos conhecimentos, de umas tantas noções ou regras que o professor ensinou ou que ella mesmo induziu dos factos. E' obvio, por conseguinte, que o alumno só deve fazer um exercicio quando tiver comprehendido bem as noções e regras que vae pôr em contribuição—quando em condições de não errar. Sinão, em vez de fixar os conhecimentos, o exercicio obriga a errar—*é uma escola de erros*".

Fixe-se bem esta expressão *uma escola de erros*. Estas quatro palavras encerram uma verdade muito significativa.

Na série de passos deste plano, o primeiro e o ultimo avultam sobre os demais, um por ser o ponto inicial, e o ultimo por ser o ponto culminante do ensino. Os outros são passos intermediarios, etapas de aperfeiçoamento; direi melhor: são os degraus de uma escada suave que leva o alumno de vagar, descançadamente, até a conquista final do seu objectivo. Quanto a estas, podem outros—mais familiarisados do que eu com este ensino—arternal-os, limal-os, corrigil-os de accordo com os dictames de sua experiencia.

2.º Passo:—COMPLETAR DESENHOS

Traça o professor no quadro uma parte apenas de uma scena qualquer que os alumnos reproduzirão no caderno, completando-a á vontade com os elementos adquiridos no primeiro passo.

3.º Passo:— FORMAR DESENHOS

O professor apresenta no quadro um elemento já dominado pelos alumnos e pede-lhes a creação, em torno delle, de uma scena de caracter escolar, domestico ou de outra especie. Aqui, como sempre ha uma preparação oral orientadora.

4.º Passo: — DICTADO DE DESENHO

Dicta o professor, uma a uma, as partes de uma scena, em cuja composição sò entrem elementos que os alumnos sejam capazes de desenhar.

5.º Passo:— MODIFICAR OU AMPLIAR DESENHOS

Posto um quadro á vista dos alumnos, podem elles, sob a orientação do professor, accrescentar-lhes algumas figuras, addiccionar-lhes novos elementos, accentuar-lhes aspectos, etc.

6.º Passo:—DESENHOS LIVRES

Com os elementos até então aprehendidos e que se foram multiplicando na seriação das lições bi-semanaes, podem os alumnos desenhar scenas de sua propria creação.

. . . . . .

Eis em resumo, exposto em synthese e desacompanhado de figuras illustrativas que dariam novas luzes para a sua comprehensão, o plano que propomos para o ensino de desenho.

Appliquem-no se quizerem, a titulo de experiencia os professores primarios. Só o tempo pode dizer depois se elle deve ser regeitado ou adoptado em difinitivo, como cousa util e prestadia ou inutil e nociva, digna de ser posta á margem.

S. Carlos, 13 de Abril de 1923.

ATALIBA DE OLIVEIRA

LIÇÕES DE ARITHMETICA

SEGUNDO ANNO PRIMARIO

MEDIDAS DE SUPERFICIE

Primeira lição

O que é decimetro quadrado

1 — Apresentando á classe um cartão exactamente com a forma e o tamanho do decimetro quadrado:

— Aqui está um decimetro quadrado. (Escrevo no quadro negro a expressão *um decimetro quadrado* e tambem a abreviatura *1 dm.²*)

2 — Sobrepondo o cartão ao quadro negro, traço-lhe o contorno e, em seguida, gizo toda a superficie da figura traçada.

Indicando a figura no quadro negro:

— Que é que representa esta figura?

3 — Depondo o cartão sobre a mesa:

— Que porção da mesa está coberta pelo cartão?

4 — Apresentando de novo o cartão-decimetro:

— Que forma tem o decimetro quadrado?

Medindo, á vista da classe, os lados do cartão-decimetro:

— Que comprimento tem cada um dos lados do decimetro quadrado?

5 — Depois de guardar o cartão-decimetro e apagar tudo quanto foi feito no quadro negro:

— Como é o decimetro quadrado? (Forma e tamanho).

6 — Mando os alumnos desenharem com toda a exactidão o decimetro quadrado no quadro negro e no papel (com emprego do esquadro e da regra graduada) e escreverem o respectivo symbolo (*1 dm.²*).

7 — Recommendo aos alumnos trazerem, cada um, para a aula seguinte, 10 ou mais decimetros quadrados cuidadosamente recortados em papel cartão.

Segunda lição

Construir com os cartões-decimetros (no assoalho)

1 — Dou uma porção de cartões-decimetros a um alumno para que forme quadrados, rectangulos e outras figuras, com qualquer numero desses cartões. Terminada cada uma das figuras o alumno dirá:

— A superficie coberta é de *tantos* decimetros quadrados.

Depois de traçar a giz o contorno da figura construida, o alumno retira os cartões e diz quantos decimetros quadrados contem a superficie limitada.

2— Dou um certo numero de cartões a um alumno, 16 por exemplo, para que, empregando em cada figura todos os cartões, construa todos os rectangulos possiveis. O alumno, depois de traçar o contorno de cada uma das figuras, retirará os cartões, dizendo em seguida o numero de decimetros quadrados que contem a superficie limitada.

3— Faço os alumnos construirem, com os cartões-decimetros, quadrados e rectangulos com dimensões dadas por mim em decimetros.

Em cada caso o alumno traçará o contorno da figura construida e, depois de retirar os cartões, dirá o numero de decimetros quadrados que contem a superficie limitada.

Observações: *a*) Exigir dos alumnos expressão completa e correcta; *b*) todos os alumnos devem fazer os exercicios acima, embora para isso sejam necessarias tres ou mais aulas.

Terceira lição

O que é um decimetro quadrado

1 — Cortar, por uma das diagonaes, um cartão-decimetro. — Quanto vale cada uma das partes? (Meio decimetro quadrado). Com os dois triangulos assim obtidos, fazer sobre a mesa (ou sobre a carteira) todas as combinações possiveis. Dizer, em cada caso, qual o valor da superficie coberta pela figura.

2 - Cortar um outro cartão--decimetro pelas duas diagonaes. —Quanto vale cada uma das partes? (Um quarto do decimetro quadrado). Com os quatro triangulos assim obtidos, fazer sobre a mesa (ou sobre a carteira) todas as combinações possiveis. Dizer, em cada caso, qual o valor da superficie coberta pela figura.

3— Cortar um outro cartão—decimetro perpendicularmente ao meio dos lados.—Quanto vale cada uma das partes? (Um quarto do decimetro quadrado). Com os quatro quadrados assim obtidos, fazer todas as combinações possiveis, dizendo, em cada caso, qual o valor da superficie coberta pela figura.

4— Com as partes usadas nos tres exercicios anteriores fazer varias combinações e dizer o valor da superficie coberta pela figura.

Observações: *a*) Estes exercicios devem ser feitos simultaneamente por todos os alumnos da classe; *b*) exigir, em cada caso, expressão completa e correcta.

Quarta lição

Medir com os decimetros quadrados

1— Arranjo os cartões unidos sobre a mesa, de modo a cobrir-lhe o maximo da superficie.

—Quantos decimetros quadrados cabem na superficie da mesa? (Resposta completa e correcta).

—Digam que a mesa tem (exacta ou approximadamente) *tantos* decimetros quadrados de superficie. (Escrevo abreviadamente este valor no quadro negro, considerando o decimetro quadrado como unidade).

2— Estendo no assoalho ou na mesa uma folha de papel de embrulho. Acompanhando as beiradas do papel disponho uma fileira de cartões-decimetros no sentido do comprimento e outra no sentido da largura, até o maximo possivel dessas duas dimensões.

Quantos decimetros quadrados foram collocados no sentido do comprimento? —Quantos no sentido da largura?—Quantos poderiam ser collocados sobre toda a superficie do papel?

—Quantos decimetros quadrados mede (exacta ou approximadamente) a superficie do papel? (Escrevo abreviadamente este valor no quadro negro, considerando o decimetro quadrado como unidade).

3— Faço os alumnos medirem o comprimento e a largura do quadro negro em decimetros.

— Quantos decimetros quadrados poderiam ser collocados no sentido do comprimento? —No sentido da largura?— Quantos sobre toda a superficie do quadro negro? —Quantos decimetros quadrados tem (approximada ou exactamente) a superficie do quadro negro? (Indico a operação com o resultado no quadro negro).

4— Traço no quadro negro, com a possivel exactidão, um rectangulo de 5 dm. por 3 dm.

—Quantos decimetros quadrados podem ser dispostos em uma fileira, no sentido do comprimento? —Quantas fileiras iguaes cabem na superficie do rectangulo? —Qual é a area do rectangulo? (Indico a operação com o resultado no quadro negro).

5— Faço os alumnos medirem (exacta ou approximadamente) as duas dimensões da sala em decimetros.

—Quantos decimetros quadrados cabem no sentido do comprimento? —Quantas vezes esta fileira deve ser repetida para encher toda a superficie da sala? —Quanto mede a superficie da sala? (Valor exacto ou approximado, com a operação e o resultado indicados no quadro negro).

6— Problemas graphicos no quadro negro: *a)* Dadas as dimensões de um rectangulo, em decimetros, construir o rectangulo e calcular-lhe a area; *b)* dada, em decimetros quadrados, a area de um rectangulo, producto de dois numeros inteiros, construir o rectangulo conveniente. Em ambos os casos fazer o alumno decompor a superficie em decimetros quadrados, por meio de linhas perpendiculares aos lados do rectangulo.

7— Problemas praticos: Medir em decimetros quadrados a superficie de uma mesa, da carteira, de uma folha de papel, da capa de um livro, das paredes da sala, etc. (Escrever a operação indicada e o resultado, sempre considerando o decimetro como unidade).

Quinta lição

O que é metro quadrado

1— Apresento á classe um papel exactamente com a forma e o tamanho do metro quadrado.

Estendendo o papel sobre o assoalho:

—Aqui está um metro quadrado (Escrevo no quadro-negro a expressão—*um metro quadrado* e tambem a abreviatura *1 m.²*).

2 — Acompanhando a beirada do papel, traço-lhe o contorno com giz.

Retirando em seguida o papel:

—Que é que representa esta figura?

3 — Apresentando de novo o papel-metro quadrado:

—Que forma tem o metro quadrado?

Medindo os lados do quadrado á vista da classe:

—Que comprimento tem cada um dos lados do metro quadrado?

4 — Depois de guardar o papel.

—Como é o metro quadrado? (Forma e tamanho).

5 — Collocando o papel estendido ora num ora noutro ponto do assoalho e da parede:

—Quanto vale a superficie coberta pelo papel?

6 — Recommendo aos alumnos trazerem para a aula seguinte, cada um, um metro quadrado cuidadosamente recortado em papel.

(Continúa)

SCIENCIAS NATURAES

FORFICULIDEOS

A' primeira vista parecem insectos apteros, e isto provem de que os élitros, muito curtos, se ajustam tanto ao thorax que com elle quasi se confundem.

O abdomen é inteiramente descoberto, comprido e achatado, e termina por uma especie de pinça, ás vezes direita, ás vezes com a ponta encurvada para dentro.

Levantando-se os élitros, descobre-se o segundo par de asas, membranosas e relativamente grandes, que o insecto conserva dobradas por debaixo dos élitros.

Apesar de possuirem asas, os Forficulideos são pouco amigos de voar, sendo antes insectos corredores.

Ha diversas especies de Forficulideos, com tamanhos e colorações differentes, todos, porem, possuem a pinça caudal, caracteristico mais saliente destes orthopteros.

São insectos vegetivoros e só saem depois que escurece. Passam o dia escondidos em flores grandes, como as dhalias, e no meio de plantas em decomposição, não sendo raro se esconderem nos ramalhetes de flores murchas.

Andam muito ligeiro e sempre á procura de um buraco para se occultarem. Quando se sentem ameaçados, levantam a extremidade do abdomen e movem ameaçadoramente as pinças aguçadas. Não nos deve, entretanto, intimidar esse aspecto feroz, pois em qualquer circumstancia são insectos inteiramente inoffensivos.

A especie mais commum é a «lacrainha», *(Forficula auricularia L.)* pequena e compridinha, de corpo avermelhado e élitros brancos ou amarellos, que á noite invade as casas e se põe a correr por cima dos moveis.

O povo diz, porem sem a menor razão, que estes bichinhos costumam penetrar no ouvido de gente.

E' um insecto nocivo porque devora os brotos das plantas.

(Contribuição para o ensino das sciencias naturaes na Escola Modelo annexa).

ANTONIO F. PROENÇA

DISCURSO PRONUNCIADO NA COLLAÇÃO DE GRAO DAS PROFESSORANDAS DE 1922

Ao prezado amigo Dr. Alarico Silveira que me proporcionou a vida feliz que hoje levo em contacto permanente com a Idealidade que aqui mais do que em qualquer outro ambiente se respira, guiando-me e me apontando um destino feliz, e a vós collaboradoras e obreiras da felicidade que raiou na minha existencia atormentada pela obcessão de ser util á minha Patria, dedico estas palavras que são o reflexo dos subjectivos estados de consciencia de quem sente no mais alto grau, a vontade de viver na posse integral e ideal de si mesmo e do Universo que nos maravilha. São fructos de algumas convicções vasadas, em estylo synthetico, que talvez possam orientar nos vossos futuros estudos e na funcção altruistica da maternidade impessoal que ides encetar no lar e fóra delle, com a fé inquebrantavel dos novos crentes que conhecem o segredo da finalidade da vida, e pensam como philosopho espiritualista, creador da psychologia das ideias forças que: «Le cœur sans la pensée est aveugle, la pensée sans le cœur est paralytique».

Em tudo que rodeia e povoa o vasio da vida eu vejo a expressão symbolica do Verbo Criador, e por isto mesmo não o separo dos ideiaes Superiores que forjam as nacionalidades fortes e triumphadoras, e guiam a humanidade atravez dos seculos, libertando-a do fatalismo cego que torna o homem um presidiario do Palacio Mystico que é Universo.

Dir-se-ia que a humanidade está, na sua marcha para o desconhecido, fatalisada e fascinada pelo Ideal da Suprema perfeição Ethica, mecanisada pelo tropismo de febre de criação e das materialisações do Pensamento Immortal com que o homem de todas as epocas procura assignalar a sua passagem atravez da terra pelo esforço consciente da «Vontade de viver». Dir-se-ia que os gestos criadores são uma função da vida já que as poses biologicas dos seres, a que não falta o esthetismo das attitudes plasticas, são emanações dessa Vontade consorciada com a lucta pela vida que se trava em face do meio ambiente, incerto e vario ...

O homem, sacudindo dentro da sua estructura, membros e orgãos entorpecidos e mumificados, atravez da rigidez das attitudes transitorias corporificadas, parece imitar a Deus quando disse o immortal Fiat da vontade consciente, e porisso é que eu não comprehendo a vida sem fé e sem Deus, e as religiões quaesquer que ellas sejam se me afiguram methodos de adoral-o e de interpretar a sua obra, e digo, Imitar a Deus, na sua funcção creadora, não é uma loucura meus snrs. é acreditar piamente que elle existe. Sinão vejamos : Em todas as gerações—dá-nos noticia a historia da Civilisação—o homem foi empolgado pela vontade consciente de criar, renovar, de plasmar e immortalisar a materia, e povoar o mundo de formas e seres.

E' preciso, porém que se diga, a materia e as formas passam, transformam-se, quasi desapparecem porque são meras projecções do espirito ou da intelligencia immortal, ficando apenas no dizer dos que não creem na confortadora immortalidade da Individualisação a crença na immortalidade da especie e da humanidade.

A biologia nos ensina que a fossilisação estructural do systema osseo muscular e organico, apenas, serviu para fixar a paleontologia estructural do eu das especies... o esqueleto immortal da criação... O cerebro mesmo pela galvanoplastia da massa cinzenta se constituiu graças á primeira irritação generalisadora e irradiadora, e dahi, propagou-se, ramificou-se, especialisou-se, de especie em especie, e complicou-se no homem, nos orgãos dos sentidos, em adjacencias peripherica, que o puzeram em contacto com o mundo analytico e individualisado da luz, das cores, dos sons, do calor, da electricidade, numa palavra com o mundo maravilhoso das vibrações e do pensamento, creando a arte e a Sciencia, meras interpretações subjectivas dos explendores do Universo.

Mas apesar disto os sabios disseram ao homem que a consciencia é uma funcção de luxo do systema nervoso, pode-

riam ter dicto que a dôr é um luxo do organismo e apenas um systema de defesa, assim como intoxicados pelo mecanicismo os psychologos allemães affirmaram que os animaes não conhecem a sensação. Crearam deste modo, a doutrina da irresponsabilidade porque a responsabilidade derivada da consciencia é um luxo da propria consciencia. Criaram o sceptismo amargurado em que vive o homem moderno —diante da impossibilidade de se apossar da technica com que se fabrica a materia viva—o germem de todas estructuras, para admittirem litterariamente a sua immortalidade pela perpetuidade das Especies ...

E o homem moderno, sentiu, suggestionado pelo physismo das Theorias modernas a volupia inedita do fatalismo scientifico, a psychose da mecanica das acções sem finalidade, que, segundo, elles parece governar o Universo, nisto, aliás imitando os antigos que no seu apriorismo empyrico já tinham creado a astrologia que lhes ditava o fatalismo das acções humanas identico ao fatalismo dos astros que rolam de abysmo em abysmo espherico.... No conceito dos materialistas o homem é um producto da fatalidade biologica do meio ambiente —muito embora, mesmo para os animaes e plantas a fatalidade biológica do meio ambiente seja ás vezes a criada artificialmente pelo sabio, no museo, no laboratorio e nas estufas—e variavel portanto, ao infinito, assim como o scenario da civilisação, é obra de criação do «homo sapiens» que improvisa de seculos em seculos o seu habitat, o seu mundo exterior, em estado perene de legitima defesa contra as forças brutas da natureza ...

Desse falso conceito do novo fatalismo é que nasceu a doutrina da irresponsabilidade, da eliminação total do criminoso, dos degenerados e doentes incuraveis.

Esqueceram porém, os sabios que si a natureza é cega e irresponsavel ou suas leis são cegas e fataes, cumpre-nos, não imital-as, adoptando a therapeutica de eliminação, ao contrario augmentar o campo das novas previsões.

Cumpre-nos, antes, em nome da necessidade hygienica e juridica da conservação e defesa social corrigil-a e modifical-a ou subordinal-a ás nossas condicções de vida, orientando-nos, pela theoria social da educação, da prevenção e da adaptação que não elimina, que não prescreve a therapeutica da guilhotina, a disciplina draconeana, mas que prefere e adopta a organisação preventiva das leis de defeza sociaes e biologicas, da adaptação, da eliminação transitoria e parcial dos males, que impedem a perpetuação da syphilis, do alcoolismo, dos viciados, dos toxicos, dos degenerados de todas as especies, hospitalisando-os, isolando e separando doentes physicos e mentaes, em escolas e hospitaes adequados ao tratamento e a educação

dos infelizes e desgraçados de todas as categorias. E' que, meus snrs., si as relações do physico e do moral são parallelas e quasi fataes, em meio essa fatalidade apparente, surge a vontade consciente do Bem da Suprema Ethica, que ensina prever e remediar, diminuir e dirigir essa mesma fatalidade das leis naturaes em beneficio da felicidade social e individual da Humanidade.

Mas disseram tambem ao homem que as creação da ethica e da metaphysica eram emanações da ideação antropomorphica. E o homem afinal que herdara não se sabe de quem a divina funcção da Razão Pura e Perquirente, a funcção de Pensar exclamou, voltando ao mysticismo consolador dos que creem na névrose do delirio racionante do livre arbitrio que escapa da noção do espacial e temporal—antes de tudo se plasmar, se dynamisar, se mecanisar, materialisar e corporificar-se que havia? Nada?

Havia o Verbum. O Verbo criador, a que nos referimos no principio destas considerações geraes, das machinas e formas, que são as theorias scientificas, philosophicas e metaphisicas.

Para traz, oh! mecanicistas, fascinados pelas formas e pelas sombras. O Verbo existe.

As machinas e formas; e o physismo que as domina não exclue o verbo que lhes deu Corpo e Vida.

Para traz. oh! sombras. Ha milhões de seculos que nos tentam envolver no mysterio das interpretações e dos methodos, e negar a verdade que Deus é, foi e sempre será, em milhares de formas infinitas, creadas e plasmadas num minuto de ocio divino.

Ha milhões de seculos, Elle nos deu por morada este thesouro que é Universo e o homem sceptico porque não inventou a machinasinha com que ha de provar experimentalmente a sua existencia e a immortalidade da alma contenta-se com o escrever a tragedia burgueza da formação das especies, os dramas de capa e espada da humanidade em que o mal tanto se mistura com o bem que até se confundem, que até se esquece, o bem total que resulta do calvario de cada geração, sem comprehenderem o bem total para o qual caminhamos.

E' a historia das luctas do pensamento humano que estou tentando fazer-vos numa synthese em que procuro pôr em destaque o valor das theorias abstractas e espiritualistas de todas as épocas e a eterna duvida dos positivistas de todos os tempos.

Em meio porém o pessimismo disseminado pela philosophia materialista vejo se lhe oppor a fé do sabio na ideia nova, a crença na Bondade inspiradora da Suprema ethica que nos revellam os destinos e as finalidades superiores das nações, e

portanto a da humanidade—o espirito novo que começa a renovar a cerebração das gerações actuaes voltados para os Supremos Ideaes, hão de um dia plasmar dentro de cada ser o orgão da felicidade interior que me parece ser a unica funcção da vida.

A felicidade que buscamos, ha de começar pelo individuo desde que tenham presente a ideia força do Philosopho de quem vos fallei no principio desta pagina de suggestão, e que eu vos lembro como lema para vossas acções:

Le coeur sans la pansèe est aveugle la pansèe sans le couer est paralytique—

Perdoae-me esta hora de expansão; como vosso paranympho, queria deixar na vossa lembrança alguma cousa do meu eu—as minhas convicções pessoaes. Definindo-me tão claramente, só me resta, cumprir a audaciosa promessa que vos fiz quando fostes alvoroçadas pela vossa bondade, levar em minha casa, a confortadora bemção de Paz e Amor com que quizestes pelo traço espiritual de união indissoluvel deste paranymphado, prolongar e assignalar a nossa tão agradavel camaradagem e convivio espiritual de anno e meio em que me approuve viver em meio de vós, perpetuando assim atravez da vida a nossa amizade tão auspiciosamente aqui iniciada. Praza a Deus, cobrir-vos de bemçãos de Luz, de Paz e Prosperidade pelo muito que vos devo, pelas horas boas que me prodigalisastes pela fé que inspiraes nos destinos deste paiz, que está em vossas mãos de educadoras porque as almas se plasmam no berço. Nada me deveis nem de gratidão nem de recompensa eu fui para vós o que vós fizestes de mim, porque sou de facto na minha funcção de educador, impessoal nas ideias, transitorio e fugaz revelador dos caminhos que á Idealidade se abrem, de par em par, aos olhos dos crentes na Bondade e no Ideal que ressuscita nações, e vêm na Patria um prolongamento impessoal da Propria Personalidade porque a revêm em seus filhos, e nas novas gerações que virão glorifical-a e engrandecel-a.

Prometti fallar-vos do genio, e esqueci-me na afoiteza da promessa, a vastidão do assumpto e a escassez do tempo e a obrigação que assumimos nós os paranymphos de não abusar da paciencia do auditorio.

Perdoe-me o auditorio, pois a aridez da technologia scientifica a que terei de recorrer para ser breve, e a abstração das syntheses com que sou obrigado a tratar deste assumpto sobre o qual ha bibliothecas.

Parecer-vos-á estranho que me propondo fallar-vos do genio comece por me referir aos animaes. Não extranheis a minha attitude. Não ha, em verdade, sinão psychologia compara-

da e de resto estamos num seculo em que o mot d'ordre é a demonstração experimental, si bem que o que fica da experiencia é a sua interpretação, já que a natureza por si só é um laboratorio de experiencias seculares, e portanto a experiencia de gabinete, tem que ser a reproducção artificial, deformada ou fiel das que se dão no campo do Universo.

A intelligencia que é a Razão, tanto se manifesta para mim no machinismo de uma ameba como no do homem, já que as machinas são instrumentos, expressões materiaes de theorias, assim como o corpo é uma roupagem do Espirito. Reparae na verdade, que ha, nesta analogia, e que só destoa em conjuncto, neste sentido: que nós somos tão senhores das machinas que creamos, como da machina de que nos servimos para nos por em contacto com o Universo! Ha quem diga que não governamos a nossa machina de viver e pensar: Quando ella se gasta, ou está estragada ou se rompe o equilibrio dos orgãos e das funcções. As machinas vêm ás vezes de más fabricas, são feitas com materia prima deteriorada, funccionam mal e inutilisam-se ao primeiro embate. Em se tratando da machina do homem, tal é o poder da vontade de viver e plasticidade da materia, que estragadas embora podem albergar, ás vezes, o psychismo de um genio ou de um santo. Cego era Milton. Surdo era Beethoven. Cegas, surdas e mudas eram Laura Bridgmann e Helena Keller, e a deficiencia da estructura não as impediu de superarem pela intelligencia a craveira commum mediocre pelo qual se afere o typo medio. E' que a razão universal assiste a todos os sentidos, e as cathegorias se reduzem em ultima analyse, ao principio causal do ser ou não ser, do principio de contradicção e de identidade. Em verdade as degenerecencias do physico não impedem o surto nem da sabedoria nem da santidade, assim como a boa saude não impede a criminalidade.

Voltemos, porém ao nosso ponto de partida: as machinas humanas possuem autonomia, tem a propriedade de conservar, transformar e transmittir energias, estructuras e funcções, os mecanismos formados e constituidos atravez da serie total dos seus antepassados.

São portanto machinas de viver já que a vida é uma funcção do espirito.

Entre o mecanismo da intelligencia dos animaes e do homem eu apenas diviso differenças de machinas servidas por peças mais ou menos aperfeiçoadas e complicadas, tanto quanto a nos e outros, basta para lhes assegurar a vida ou si quizerem, para assegurar as adaptações da sua estructura ás condicções do meio ambiente. E' justo pois que digamos que o psychismo dos genios envolve o absorvente e intrincado problema do in-

consciente cujo segredo parece estar desvendado ou está por se deslindar no estudo da filiação das aquisições, conservação e transmissão, reformas, adaptação e sublimação dos instinctos, e portanto se prende á doutrina da evolução.

O estudo da formação dos psychismos animaes, revela-nos que os instinctos se formam em contacto com o meio, na lucta pela vida que exerce uma acção excitadora e seleccionadora determinada pelo esforço consciente de adaptação, e que, a superioridade entre elles, é signal certo de estructura ou orgãos aperfeiçoados.

Quem quer que conheça embora vagamente as investigações da psychologia experimental feita entorno do mecanismo dos instinctos não ignora que as aptidões adquiridas ou psychismos novos são os fructos da experiencia individual adquirida atravez do meio ambiente natural ou artificialmente criado pelo homem no laboratorio ou mera consequencia da luta pela vida que determina os processos de selecção natural que regulam a adaptação e o aperfeiçoamento dos psychismos animaes.

Ha entre estes processos de reação paralellos, o determinado pelo esforço consciente de adaptação á novas condições de vida que são sempre o precipitado logico da adhesão da mente ou da ideação consciente, ou se quizer consciente e voluntario no homem, inconsciente e voluntario nas especies infimas dos animaes, si não, se quizer admittir o conceito dos graus minimos de consciencia, ou pelo menos daquella que resulta de relação de causa e effeito.

E' tão verdadeira essa analogia que não é sem fundamento que podemos fallar da genialidade dos animaes, attento que elles se differenciam de especie em especie, de familia em familia, pelo destaque que assume, ás vezes, um individuo dentro da mesma variedade. Uma escala comparativa entre os processos psychicos de varias especies animaes e dos individuos que a compoem, permittir-nos-ia distinguil-os pela superioridade da sua aptidão e pela sua capacidade de acção e assimilação.

Numa mesma variedade de cães ha sempre um que se destaca dos demais pela sua capacidade de trabalho e de aprendisagem. Haja visto os cães policiaes, veadeiros e caçadores em geral, cujo grau de intelligencia nos autorisa a chamal-os de cães geniaes, sem exaggero, taes as suas habilidades e a plasticidade da sua aptidão á educação, e portanto, a renovação de sua vida instinctiva.

Entre, pois, o psychismo dos animaes e do homem, ha analogias flagrantes que se differenciam, apenas, pela rapidez com que o homem modifica por si mesmo os seus instinctos, os seus habitos, as suas inclinações ao passo que os animaes

o conseguem difficil e demoradamente atraves da especie e dos seculos.

A formação e a modificação dos instinctos tem sido estudadas experimentalmente. As experiencias de gabinete e de museu provaram que os animaes podem adquirir instinctos novos ou adaptal-os a novos modos de viver, mais intelligentes, e que elles podem ser transmittidos por hereditariedade, e que, portanto, uma vez fixados no systema nervoso, se generalisam, na especie pelo vehiculo de consanguinidade ou pela imitação que é o processo natural adequado á aquisição de psychismos novos tanto para os animaes como para o homem, povos e nações. Esta possibilidade de crear, desenvolver e adaptar, substituir e sublimar, instinctos e inclinações é, pois, uma these irrecusavel que nos autorisa a affirmar que entre homens e animaes se registra apenas a differença de psychismos complicados cuja complexidade crescente augmenta de especie em especie, de familia em familia, até transcender no homem no qual a estructura se requinta pelas ramificações e especialisações da massa cinzenta.

A analogia, portanto é perfeita e flagrante, entre um e outro processo de reação psychica, sobretudo si abstrahirmos das relações espaciaes e temporaes, quantitativas e qualitativas das suas creações, ou do seu poder de crear, ou de adaptação.

O animal tambem é creador; que o digam as abelhas, os castores, as formigas e os passaros que sem a intervenção do homem, plasmaram a sua colmeia, a sua casa, o seu formigueiro, o seu ninho, o seu systema de defesa social, em resumo, o seu ambiente de defesa da vida individual e social, como as plantas, animado apenas, de vontade de viver e da energia vital.

O animal crea pelo menos aquellas condições materiaes de vida necessarias á conservação e defesa, desenvolvimento e perpectuação do individuo e da especie, já que a «arte de crear» parece ser uma condição de vida imposta a todos os seres.

Creador, como o animal o homem delle no entanto se distancía e se differencía pelo lapso de tempo, pela qualidade e quantidade e liberdade de variar ao infinito as suas creações e invenções que naquelle está, por assim dizer, limitada e predeterminada pelas mudanças demoradas do meio ambiente. Os animaes levam seculos para criar e modificar o seu systema de vida e as condicções materias em que ella é possivel, o homem idealisa-o modifica e a transforma á sua vontade, tantas vezes quantas quizer, no decurso limitado de uma existencia. São pois, ambos criadores, a seu modo e a seu tempo.

O homem criou e destruiu varias civilisações ideando-as,

o animal cria adaptações da vida suggestionada ou si quizerem forçados pelo meio.

Como se vê, resta, apenas, provar experimentalmente a possibilidade de transmissão dos psychismos das genios, já que o seu psychismo se caracterisa pela exaltação dos faculdades intellectivas dos normaes e é analogo ao instincto.

Com os animaes as experiencias que justificam e provam esta possibilidade da transmissão de psychismos adquiridos são faceis, com o homem não.

E' difficil obter-se o puro sangue e submetter o homem em duas ou tres gerações, ao mesmo processo de educação ou a mesma aprendisagem experimental, tal qual se procede com os animaes na chamada dressage a não ser pela educação commum como nos dão noticias Hachet, Souplet, Georges Bohn Romanes e tantos outros bio-psychologos, sobretudo os allemães e americanos.

Nem por isso na especie humana deixa de haver a transmissão de actividades adquiridas ou de atrofiadas, pelo mesmo e unico processo e vehiculo. Em outras palavras o psychismos das aptidões, tendencias e inclinações, e portanto, das vocações e predisposições naturaes ou innatas, adquiridas na lucta pela vida, da especie, não se faz systematicamente com a mesma familia e os seus decendentes nas condições satisfeitas e preestabelecidas nas experiencias de gabinete, mas se realisam a revelia de um plano predeterminado e se fazem empyricamente pelo cruzamento casual de membros de familia de raças differentes, e de educação fortuita e diversa.

Esta feição do problema não desmente porem a these da trasmissão alias comprovada pela perfeição dos typos ethnicos, trasmittidos de geração em geração, apenas, torna-a mais complexa, porque, em verdade, os genios têm alguma cousa que é tudo de hereditario: os que herdaram dos seus antepassados, attento que cada ser, não é só o representante dos seus paes e dos seus avós, mas sim, da serie total dos seus antepassados. e assim, mesmo posta de lado, a variabilidade dos meios ambientes e educativos—o factor sangue, por vezes, se casa a outro que traz e contem heranças de aptidões já automatisadas e desenvolvidas e assim do cruzamento feliz e casual nascem os genios.

A questão biologica da pureza de sangue ou da panmixia que nos revelaria os caprichos atavicos e renovadores das formações naturaes obdientes ás leis da hereditariedade, e que se simplifica em se tratando de animaes, porque com elles não nos detemos diante dos cruzamentos dos filhos do mesmo casal complica-se, no entanto, quando se trata do homem, já porque

o sangue puro é raro, sinão um mytho, já porque a degenerecencia das raças está a pedir sangue novo e leis prohibitorias dos casamentos consanguineos attento que a consanguinidade é o vehiculo commum, cego e fatal, pelo qual se perpectuam tanto taras como as acquisições apollineas das raças.

Propendo, no emtanto, para os que acceitam a theoria da panmixia já que as nações, em que mais se mistura o sangue vario, são justamente as que contam maior numero de intelligencias creadoras e realisadoras.

De parte, pois, a questão intrincada de sangue resta e subsiste a da excitação galvanisadora do psychismo dos genios. Provado, como vimos, que os animaes são capazes de adquirir e transmittir á especie, psychismos superiores e novos, novos modos de agir e de viver, é claro, com maioria de razão que o homem, dado o poder de sua Razão consciente, pode, tambem, submettido a um processo de educação, conveniente, adquirir, em certo grao, a mentalidade que caracterisa o genio desde que se submetta aos exercicios intellectuaes e se adapte ao processo logico e formal que é lhes inherente porque si o exercicio não cria o orgão, em verdade, desenvolve-o e augmenta o poder de idear, deliberar e executar, attento, o conceito de energetismo, da conservação, transformação de energias, introduzido por analogia, na biologia e na psychologia, a que recorre o sabio Oswald, para explicar o psychismo do genio.

*
* *

Qual porém a didactica, adequada á formação do psychismo transcendental dos genios. E' assumpto para varias conferencias, e de que daremos algumas syntheses, no final desta palestra.

O segredo do genio está dentro de nós, de qualquer organismo anormal ou normal, no sentido das possibilidades de desenvolvimento mental do educando numa dada direcção, já que entre os genios, os psycholos distinguem os de imaginação plastica e idealisadora, romantica e classica, e as intelligencias mesmo classificam-se, por graus. Esta feição da these que vimos sustentando tem uma importancia transcendal, é no presuposto da possibilidade do aperfeiçoamento mental das gerações novas, pela educação dos normaes e anormaes, que se baseam todas as theorias educativas, escudadas ou não, na theoria geral da evolução, já que se nos afigura que é pelo padrão e estudo das mentalidades superiores, especialisadas num dado sentido, é que havemos de modelar o ambiente propicio á revelação e formação das gerações. Por ahi é que havemos de pautar as normas dictaticas e pedagogicas da educação, adaptando ás con-

dicções naturaes de cada povo, sem o que, como é claro, perderemos a nossa personalidade o senso da realidade e, portanto, da adaptação conveniente que é o segredo das Estadistas e condição de successo em qualquer profissão. Não, é, pois, um assumpto extranho á suprema questão da educação o que vimos relatando.

*
* *

Que é o genio? Em torno do psychismo genio criaram os sabios e os literatos um mundo de palavras, de phrases, de theorias e hypotheses que apesar de não resolverem de vez o problema serviram, no entanto, para encaminhal-o a uma solução definitiva. Os philosophos o designam pelas expressões consagradas: homem representativo, super-homem, Adler Mensch, o homem predestinado, substituindo, as denominações dos orientaes que os cognominavam de iniciados magos brancos e magos negros. Envolveram-no, assim, no mysterio das palavras. As religiões explicam-no pela revelação, é a que mais se aproxima da verdade, attento que o homem traz dentro de si a historia do Universo, e que elle pode pela vontade consciente plasmar dentro de si, no decurso de uma vida, a intelligencia creadora e transcendental dos super-homens. Houve quem dissesse que o genio é tão irresponsavel pelas suas acções e criações immortaes como o criminoso nato pelo seus crimes, como si o genio fosse uma machina cega, e o identificaram os psychiatras aos epileticos e divinisaram assim a epilepsia que os antigos tinham identificado aos males do diabo... Em meio porém as theorias que o explicam, resalta claramente que o genio começa pelo esforço consciente do aperfeiçoamento individual, pela vontade guiada pela razão, o orgão soberano de que os encyclopedistas fizerem uma deuza, o orgão da intelligencia fatalisada para tactear as relações de causa e effeito, de identidade e contradicção, para induzir e deduzir, comparar e generalisar, para formular leis e theorias, creando doutrinas scientificas e philosophicas, Religiões e artes, pela interpretação do Universo, plasmando-as, corporificando-as e materialisando-as no mundo das formas e da materia.

E' sempre um criador imitando os processos de creação da natureza, de cujas forças elle se apossa, multiplica desbrabando-as e dominando-as, pela vontade de viver, que cria e destroe civilisações. Mas que é o genio? Define-o Ostwald que o explica pela theoria da Energetismo—um grand homme est un appareil qui peut produire de grands travaeaux, acrescentando la grandeur de ses travaux depend de la quantité de energie dont il peut disposer... Esta é, no entanto, defeituosa encara apenas a capacidade de acção.

Define-o Ribot—le génie est une réaction excepcionelle á besoin général de l'espéce, esquecendo que o individuo é que determina os aperfeiçoamentos da especie e, a exepção, nesses casos torna-se geral na especie.

O genio é a nevrose do eu, a volupia da integralisação do eu no Universo, pela vontade consciente orientada pelo culto da Razão pura, o culto trascendental do Eu. Newton definiu—le genie est une longue patience. - E' a longa pasciencia, a pasciencia febril e inquieta da Razão que antecipa e advinha, na ancia soberana de ser contemporanea ao mundo novo das creações do Porvir.

E' a automatisação da intelligencia num dado sentido especialisada que forma musicos, pintores, mathematicos e philosophos. São os prophetas da arte nova, da sciencia nova, da ideia nova, do mundo novo. São transitorias encarnações da possibilidade da raça. São os expoentes que dignificam e glorificam a especie humana. São os antecipadores e realisadores visionarios do que está para ser na vida maravilhosa das materialisações do Pensamento.

São synthetisadores e coordenadores das manifestações da vontade de viver que é a aspiração obscura e isolada do individuo que encarna, na sua solidão, no momento transitorio de uma vida, o typo racial que está por se generalisar na especie, como padrão de super-homem, germen, das super-nações:

Que é o genio?

E' fructo de uma longa evolução—é o homem generalisador de todas gerações, que plasma atraves de todas as epocas o typo commum ou cerebração commum das gerações de genios.

Que é o genio?

E' a projecção da idealidade, materialisando-se num corpo, transplantando e enraizando, no plasma dos seres, no laboratorio onde se cruzam os sangues, o psychismo transcendental que se apodera num minuto do trabalho das gerações anteriores, immortalisando as creações da raça. E' o orgão critico que reforma, controla, modifica a vida, em procura de novas adaptações. E' o criador do proprio eu, o artista sublime da sua estructura, ensaiada pela vontade consciente do exercicio, que da materia, pelo poder espiritual do «nosce te ipsum» da philosophia grega, num corpo sano ou insano, como no caso de Helena Keller, plasma e galvanisa, a estatua apollinea da Intelligencia Immortal e Espiritualisada.

E' a visão sublime do inconsciente que registra mysteriosamente, no ser, todas as experiencias dolorosas e provações do passado, supportadas e experimentadas, atravez da invisivel corrente da evolução, trazendo dentro de si, da sua estructura, toda a historia do Universo e da Creação, assim como, o em-

bryão continha em si a possibilidade da revelação posterior de uma mentalidade superior... ou o germen de todas gerações. E' porisso que eu vos disse que o genio é um contemporaneo de todas as gerações, de todas as epocas, de todas as civilisações.

O genio porém será sempre uma revelação de Vontade e da iniciativa individual.

Sou por isto convencido individualista, e apologista da auto educação. Apezar porém desta feição do meu espirito, é bom que vos diga para que não me supponhaes egoista, sobra no meu cerebro e no meu coração largo espaço para albergar e admittir as reivindicações com que os opprimidos de todas as epocas e gerações pedem justiça ou o direito de viver sem serem escravos. Sou por isto mesmo infenso ás reivindicações do socialismo, mas supponho que o Bolschevismo não está talhado a governar povos, desnacionalisando-os, mas sim, a reconciliar o Estado com os direitos sociaes e individuaes. Acredito que a proclamação dos direitos do homem feita pelos encyclopedistas assistiremos ainda neste seculo á proclamação dos direitos sociaes e das nações, poristo que o socialismo se me afigura um problema meramente juridico e economico a que somente as concepções da sociologia juridica poderá dar a solução definitiva e inevitavel.

Não determinará a morte do individuo, da acção individual, e portanto dos genios, e não o será porque a tendencia a individualisação complexa é uma lei biologica providencialmente fatal e só ella é que nos poderá livrar do suicidio mental ou do senso de ruminação historica de que nos falla Nietche e que é tão fatal aos individuos como ás sociedades porque lhes determina a morte mental.

A morte voluntaria e fatal dos povos rotineiros que perderam o senso critico. O suicidio mental a que se votam as gerações, sem fé, sem moral, sem crença e sem ideal e daquelles que apenas vêm no universo formas e sombras esquecendo o espirito ou espiritualidade que os anima e lhes dá vida, e a possibilidade infinita das creações infinitas, e portanto de materialisação, com que nos accena a concepção metaphysica do Universo. Praticae pois o culto do eu, pelo culto da razão ou da educação logica. Despertae o inconsciente. Todo o ser traz dentro si, balouçando nesse ventre maravilhoso que é o registro infallivel onde, a espera do verbo surge et ambula, dormem lethargicamente o somno do esquecimento ou da não excitação funcional, os seres ignorados, que forcejam e porfiam, em extranha e mysteriosa lucta, por virem á tona do eu consciente.

Examinae as profundezas do vosso ser, os veios soterrados das experiencias do passado, registradas e plasmadas no vosso inconsciente.

Deixae que o incosciente projecte no espelho da consciencia a natureza do ser, a historia da especie, e verificareis que não vos exaggero, em vos affirmando, todo o homem traz dentro de si um genio occulto e ignorado a que só falta desenvolver, e adaptar ás condicções da vida. O homem que primeiro passou pela terra continha dentro de si, no seu organismo, o germen rudimentar da genialidade de toda a especie humana.

Não ha epocas previlegiadas para as revelações de genio. O que ha são gerações que assimilaram o psychismo dos genios, e porisso mesmo constituem as super-nações—e as epocas de ouro.

Perguntae ao coração, orgão nobre e divino do amor quem lhe ensinou a theoria da circulação inscripta nos hierogryphos da sua estructura; quem lhes dotou da disciplina e da energia do operario infatigavel que nunca se cança, da robustez dos musculos que têm a rigidez do aço e a plasticidade do ether. Perguntae ao maravilhoso apparelho digestivo e da respiração, machinas transformadoras de energias, quem lhes ensinou chimica analytica e biologica e aos apparelhos de locomoção onde aprenderam a physica e a mecanica que synthetisam na sua estructura. Perguntae aos olhos onde adquiriram a perfeição jamais attingida pela industria, e a optica cujo conhecimento revelam. Perguntae ao ouvido si elle não encerra toda a acustica. E elles vos reponderão: o inconsciente, e por isso é que o philosopho grego, preconisava o nosce te ipsum.

O inconsciente que registra e governa sabiamente a vida de todos os seres—e o proprio universo, perpectuando por transformações, e adaptações, atravez do tempo e da especie, as, aptidões conquistadas na lucta contra o meio hostil.

E' a historia da Victoria e Triumpho do homem na terra de que nos dá conta o inconsciente.

*
* *

Nada do que vos disse e do que vos vou dizer em forma de aphorismos é novo—são residuos mentaes das minhas leituras—si alguem, pois, vos disser, que estes conceitos são velhos, não contesteis; pois, que elles podiam ser ideados e pensados pelo primeiro homem si é que elle sabia generalisar ou por qualquer pessoa que saiba raciocinar. Accrescentae, por mim que eu apenas quiz focalizar e chamar a vossa attenção para verdades eternas.

Para vós, o que vou dizer tem uma significação especial, são conclusões syntheticas das aulas em que estudamos juntos, servirão para thema de vossas meditações, e quanto mais não fosse, para que vos lembreis sempre de mim.

Cultivae em vós e em vossos alumnos e filhos a fé nas possibilidades do desenvolvimento do Eu. E' pelo individuo que se inicia, todo progresso estructural ou intellectual—as invenções mesmo são o resultado da obra individual.

As especie são, apenas, generalisações do padrão individuo assimilado pelo sangue ou pela imitação. Lembrae-vos que a primeira estructura continha todas estructuras plasmadas e por serem plasmadas. Criae, á guisa de suggestão, dentro e em redor de vós, ambientes de fé na nossa nacionalidade e no vigor racial do brasileiro.

Creae, ambientes mentaes, propicios ás revelações das aptidões instinctivas, das vocações latentes do educando. Diante de uma vernissage de Pintura se revelam os pintores. Numa exposição e nos trabalhos de esculptura se revelam os esculptores. A Natureza mesma é um vernissage permanente, de quadros, de Esculptura.

Num salão de audição musical ou numa sessão litteraria, ouvindo a historia dos grandes heroes, dos grandes inventores, dos genios e das nações, o ser se revela. A criança se vos revelará em todo o esplendor do seu psychismo.

Criae pela palavra ou pelo cinema ambientes de suggestão onde a dor physica e moral, a virtude e o vicio, o direito e a injustiça sejam flagrantes, e o patriotismo e a traição, a covardia e coragem, o bem e o mal sejam focalisados e os pequenos seres denunciarão aos vossos olhos as suas falhas e as suas virtudes, vos revelarão que sabem tambem ser justos e injustos.

Povoae as vossas escolas pelo desenho de todos os machinismos modernos em miniatura e deixae que a creança por si mesma e sosinha decomponha e descubra a funcção de cada peça das machinas e vereis após estes exercicios que genios creadores são os pequenos.

Pedi a elles que façam outras machinas de madeira, de barro, e em desenho, começareis a plasmar o cerebro dos homens de acção.

Não ha pensamento que não corresponda a uma forma graphica ou material.

Não esqueçais de applicar o trabalho manual em todas as vossas aulas. Pelo trabalho manual de imaginação livre, começareis a plasmar intelligencias creadoras, e sobretudo a disciplinar os brasileiros. No trabalho manual e no desenho livre se educam as faculdades ideativas e se plasma a dos realisadores. Lembrae-vos que a memoria muscular ou organica que se aproveita no trabalho manual, é em todos os seres a que se manifesta em primeiro logar e a ultima que desapparece—não vos descuideis do trabalho manual.

Reparae na disciplina dos orgãos da vida vegetativa que não falha nunca.

Adoptae como material para o trabalho manual o folk lore nacional. A historia do nosso caboclo e do nosso indio ensina-nos que o trabalho manual é possivel nas escolas ruraes com o material que a natureza lhes offerece e elles, nunca leram compendios de Pedagogia.

*
* *

Cantae para os vossos filhos, e ensinae a cantar modinhas, canções, toadas de caboclo, e começareis a nacionalizar os filhos de extrangeiros e fortalecer o sentimento de nacionalidade—porque o inconsciente é que governa o homem.

As gerações que forem disciplinadas pelos trabalhos manuaes adaptar-se-ão com facilidade a todas as reformas sociaes sem provocarem revoluções e crises politicas ou sem quebrar a sua unidade ethnica e mental.

Os trabalhos manuaes disciplinam as funções ou operações mentaes desde que sejam de livre ideação, e assim começareis a disciplinar as energias do educando, preparando-os para a vida social que exige a energia concentrada e perseverante que caracterisa os homens de acção.

Desenvolvei as aptidões instinctivas e os processos mentaes do educando já fixados e plasmados no seu systema nervoso e criae-os, naquelles que apresentarem falhas e defeitos. Não prejulgueis, porém, das inaptidões dos vossos alumnos, attribui sempre a uma falsa visão ou diagnostico, a que vos deprecia aos olhos o psychismo de uma criança. Ha genios que se revelam aos 60 annos. Outros ha que passam ignorados pelas escolas e pelo mundo. Preoccupae-vos com o constituir orgãos ou machinas de pensar, deliberar e generalisar, e portanto de criticar, quem sabe criticar pela analyse e pela synthese, cria dentro de si o orgão soberano do livre exame pessoal que o germen do criterio e do psychimo dos genios e a fonte da Renovação Social. Educar não é instruir é criar orgãos pelo exercicio mental.

Acostumae os vossos alumnos a ver as theorias abstractamente e concretamente ao mesmo tempo, mas não descuideis de lhe dar o abstracto que é o raciocinio: as formas passam e o que fica é a faculdade mental de ver, ouvir, mentalmente — os psychismos.

Ponde todos os sentidos em acção ao serviço das faculdades superiores da mente, e ensinae a formular, pela experiencia, o criterio pessoal. A critica que não for pessoal não cria o espirito logico. O bom professor é o que não conclue as suas lições—o alumno é que as deve concluir.

A theoria sem a pratica, sem as illustrações e os artifícios materiaes e intuitivos sem os exemplos são incomprehensiveis para a criança mas não vos esqueçaes que nem toda a vida seremos crianças, e que as theorias, as leis, os principios precederam ás formas objectivas e materiaes. Si um novo dilúvio despovoasse a terra dos sabios e technicos, das machinas e dos inventos modernos, e só sobrevivesse um sabio conhecedor das theorias scientificas de todas as descobertas, elle seria um propheta entre barbaros remanescentes e poderia escrever a historia da nova humanidade e povoar o mundo de machinas e inventos. Bastava, apenas, que elle soubesse generalizar, e começaria a criar uma nova sciencia.

Dirigi-vos, sempre ao espirito logico dos vossos alumnos quer se trate de ideias geraes quer de formas materiaes comparadas. Pois o espirito de conclusão preside tanto ao mundo abstracto como ao mundo physico, e as formas são symbolos.

Não despresae nenhum sentido por outro, mas sobretudo não descureis de formar a intelligencia observadora de vossos alumnos. Ha cegos, surdos e mudos que são genios.

Ao cego, surdo e mudo ensinae pelo tacto. O tacto é o orgão da intelligencia universal—é o cerebro da ameba e dos seres unicellulares.

E' possivel em certo sentido ver, ouvir, gostar e olfactar com o tacto, pois cada um destes orgãos, nada mais são que especialisações do tacto organisado. O cerebro mesmo em ultima analyse é um orgão do tacto para as vibrações e estimulos das relações de causa e effeito, do principio do ser ou não ser.

A gente vê com o cerebro photographa ideias geraes abstractas que o homem não viu sinão abstractamente e que estão por surgir nas suas formas materiaes.

As supremas creações dos artistas antes de serem conhecidas pela multidão são vistas e plasmadas abstractamente no cerebro dos genios.

O genio musical ouve mentalmente a sua opera antes della ser ouvida pelos ouvidos extranhos das audições. Os pintores vêm cerebralmente os quadros antes de pintal-os na tela.

Os escriptores vêm cerebralmente a tragedia dos personagens de suas creações. Os sociologos vêm os povos e as instituições com que sonharam e os orgãos das sociedades que estão por vir.

Despertae o espirito inventivo de vossos alumnos dando-lhes os problemas da vida para resolverem—indagae delles a possibilidade de creação de machinas inventadas e por inventar, com este exercicio, criareis o espirito de iniciativa e de invenção.

Contae-lhes a historia da Evolução das machinas e das industrias.

Dae-lhe sempre a illusão da descoberta, não completeis jámais, pois, as vossas lições com a conclusão, porque a conclusão é uma adhesão pessoal da mente de quem entendeu, e quem não conclue é porque não entendeu ou é anormal. E os anormaes se educão por processos mais energicos.

Desenvolvei o espirito de generalisação, de comparação e das analogias, são estas as chaves das cerebrações dos genios.

Contae a historia da evolução dos seres, das machinas e das invenções, illustrando-as pelo desenho, assignalando differenças e analogias das formas e das ideias. Este é o verdadeiro methodo de ensinar.

Creae a mentalidade evolutiva filiando experiencias e factos que justificam leis e theorias, mas não deixeis nenhuma de parte nem os erros em que incidiram os nossos antepassados.

Criae ideaes superiores, criar o ideal ethico social é prever o futuro, é antever uma civilisação nova, é começar a resolver o problema da perfeição e da vida. E' galvanisar um typo de belleza physica e moral, em si mesmo, actuando sobre a materia plastica, que é o nosso corpo, atravez da especie e dos meios que se nos offerecem, pelo poder motor das ideias, ou si quizerem na lucta pela vida. E' no mysticismo que reside a força de todos as grandes acções de humanidade.

Não vos esqueçaes que só ha uma condição de progresso physico e mental, é o que começa e se synthetisa pelo individuo. As especies animaes constituiram sosinhas o seu psychismo independentes da acção do homem. E os orgãos da vida vegetativa se constituiram independentes da nossa assistencia.

A tendencia á individualisação é uma lei geral e fatal. As gerações primeiras, aprenderam por si mesmas a improvisar civilisações—é a lei do aprendisado activo que nasceu com o primeiro homem—é uma lei eterna. As nações mesmo são individualisações das raças. A Humanidade será sempre um todo individualisado em suas partes, no tempo e no espaço atraves das gerações, porisso é que o segredo do genio está no auto educação.

Acostumae-vos a agir pensando e criticando as vossas acções quaesquer que ellas sejam, o acto intellectual ou moral de execução que não for o pricipitado logico da adhesão da mente do livre exame intimo, e portanto, sobre o qual não paira livre a vigilancia da Razão ou da Consciencia reformadora, fiscalisadora e reflectida, assemelha-se aos actos mecanicos e cegos, das machinas que não conhecem a finalidade dos seus trabalhos. Si assim não fizerdes, criareis dentro de vós o orgão automatico do espirito de rotina, e consequentemente, a incapacidade para inventar. Em moral quem não reflete sobre os seus

actos, pratica a cada passo um crime, os irreflectidos são machinas promotoras dos desastres de sua vida e da vida dos outros.

Todos os actos exigem reflexão e os actos que praticamos sem comprehender ou sem esforço consciente, abstendo-nos, portanto, de pensar e refletir, não são fructos do empyrismo, foram pensados, ideados, reflectidos e raciocinados em experiencias anteriores, e poristo são o precipitado da Razão e da experiencia secular, feita atravez da especie. — São o «Verbo» feito acção.

O esforço consciente ou vontade consciente é a primeira condição de vida, e por isso o philosopho disse: Eu penso, logo existo. E' pensando que affirmamos a nossa personalidade, pensar é idear e executar. O pensamento é acção, a primeira forma de acção.

Para vós que já tendes o orgão do pensamento desenvolvido, aconselho-vos como exercicio mental o estudo da Philosophia, mas não vos esqueçaes que as theorias philosophicas, são meros methodos de interpretação do Universo para que assim não percaes o espirito de critica ou de livre exame que é o segredo dos espiritos creadores. A phliosophia plasma o cerebro que vê as cousas sob a forma espherica, que é analyse e a synthese.

A ultima palavra creadora da razão ainda não foi dicta digamol-a nós e seremos deuses, porque se existe uma theoria que justifica a possibilidade de um invento, é que esse invento já existia em abstracto ou em palavra, procuremol-o, pensando no seu modo de ser ou formas, e havemo-lo de plasmar na materia, arrancando-o ao desconhecido.

*
* *

Ainda uma palavra: cultivae, com symphathia, em vós e em redor de vós, a ideia, o sentimento e a acção esthetica da Bondade, da Caridade e da Justiça, mas, não vos esqueçaes que: le coeur sans la pensèe est aveugle. La pensèe sans le coeur est paralytique.

Eu vos repito sêdes bons, porque só o coração vos poderá fazer comprehender o milagre sempre inedito e maravilhoso da obra secular da Educação e da Civilisação, que, vem amenizando o sentimento tragico que nos revela a existencia, ensinando-nos ao mesmo tempo que a lei da Vida e do Progresso é inseparavel do sacrificio de nós mesmos pela familia, pela patria, pela Humanidade já que estas são as finalidades que jamais desmentiram ao crédo e a esperança de todas as gerações.

JOSÉ FERRAZ MOTTA
Lente de Psychologia e Pedagogia

Professores formados pela Escola Normal de S. Carlos

TURMA DE 1923

1	— Anna Lindhlon de Oliveira	Santa Rita
2	— Anna Rosa A. S. Fracarolli	Jahú
3	— Chlorita de Oliveira Penteado	Descalvado
4	— Clotilde Castilho Andrade	S. Carlos
5	— Deolinda Martins	S. Carlos
6	— Ermelinda de Azevedo	Rio Claro
7	— Honorina Doria	S. Carlos
8	— Idalia Galli	S. Carlos
9	— Iolanda Borba de Almeida	Araraquara
10	— Jacyra Palazzi Silva	Pindamonhangaba
11	— Leduina Riedel	S. Paulo
12	— Lucy Borba de Almeida	Araraquara
13	— Maria de Lourdes Kannebley	Annapolis
14	— Maria Modesto de Abreu	Dourado
15	— Maria Rosa Leonardi	Annapolis
16	— Marina de Abreu	Jahú
17	— Noemi Leite Ribeiro	S. Carlos
18	— Noemia Pacheco de Barros	S. Carlos
19	— Olga de Campos Penteado	S. Carlos
20	— Olga de Oliveira Ribas	S. Carlos
21	— Oraida de Souza Bastos	S. Carlos
22	— Rosalina Rodrigues	Torrinha
23	— Yolanda de Angelis	S. Carlos
24	— Zoé de Camargo Penteado	S. Carlos
25	— Zydia Lobo	Campinas
26	— Francisco Cimino	Araras
27	— Julio Bruno	S. Carlos
28	— Mauro do Amaral	S. Carlos
29	— Renato Silveira Mendes	S. Paulo

ERRATA

DEVE-SE LER

A' pagina	62	linha 1.a:	é apenas um systema etc.
"	"	" 33:	mas, sim, ao contrario augmentar o campo de nossas previsões.
"	"	" 42:	impeçam a perpectuação, etc.
"	63	" 22:	Physicismo, etc.
"	"	"	que as domina não excluem, etc.
"	"	" 36:	sem comprehender o bem, etc.
"	66	" 22:	se quizerem consciente, etc.
"	"	" 23:	inconsciente e involuntario nas especies, etc.
"	68	" 24:	Mas se realisa á revelia, etc.
"	"	" 25:	se constitue empiricamente, etc.
"	"	" 32:	o que herdaram dos seus, etc.
"	70	" 3:	que é o segredo dos estadistas, etc.
"	73	" 14:	quem o dotou da disciplina, etc.
"	75	" 35:	costumae os vossos alumnos a verem, etc.

Ha outros erros que o leitor intelligente corrigirá.